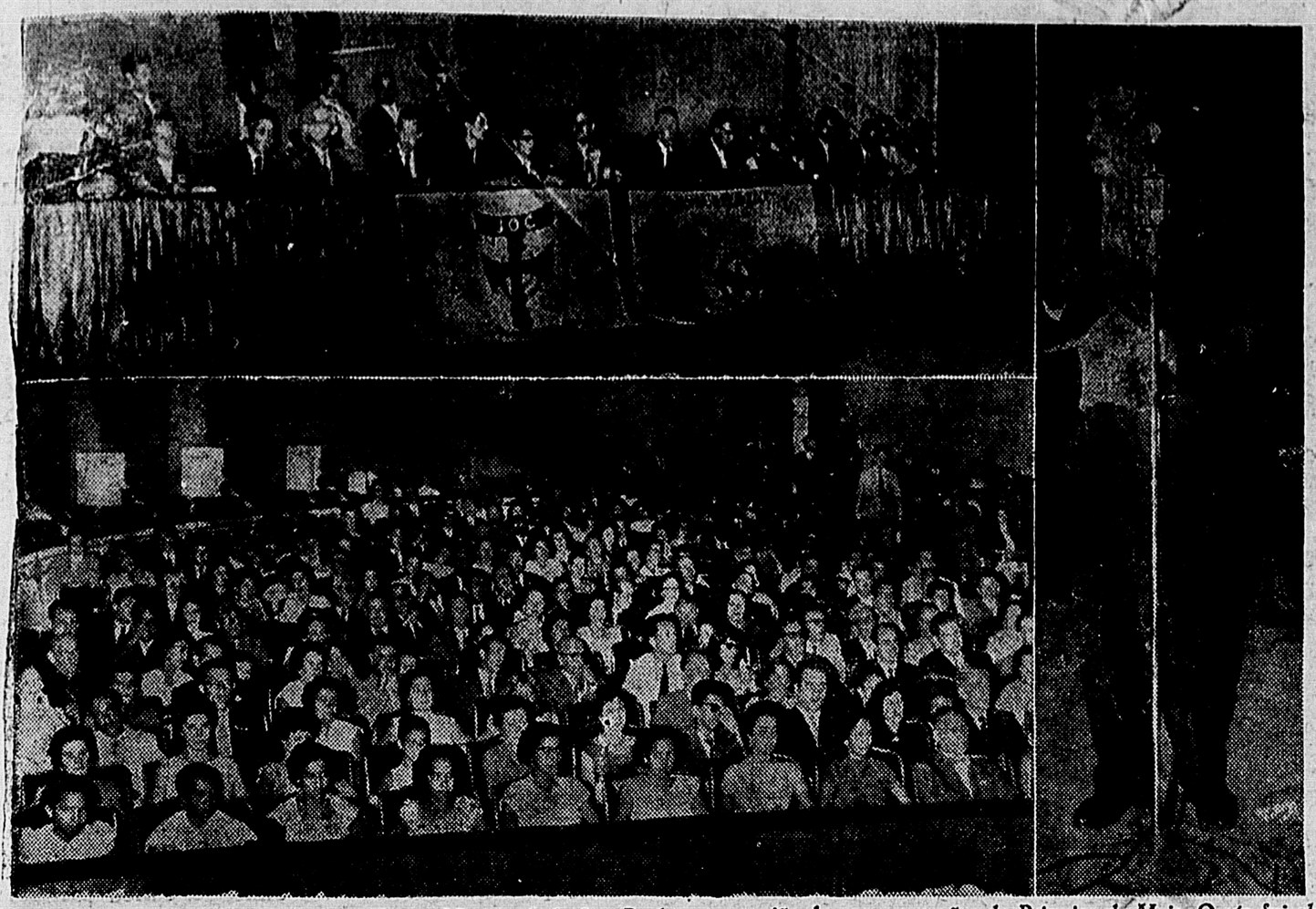


Aspectos da solenidade realizada no Teatro Municipal de São Paulo, por ocasião das comemorações do Primeiro de Maio. O ato foi abrilhantado pela Orquestra Sinfônica Municipal e por grupos de danças folclórica e ballet Ao microfone Romano Lossaco, presidente do Pacto de Unidade Intersindical.

N. S. Kruschiov, presidente do Conselho de Ministros da URSS. e Gamal Abdel Nasser, presidente da República Árabe Unida, se cumprimentam cordialmente. O presidente da República Árabe se encontra agora em visita à União Soviética, no desenvolvimento de uma aliança já provada de povos que lutam pela paz e contra o colonialismo (Foto TASS)

VOZ OPERÁRIA

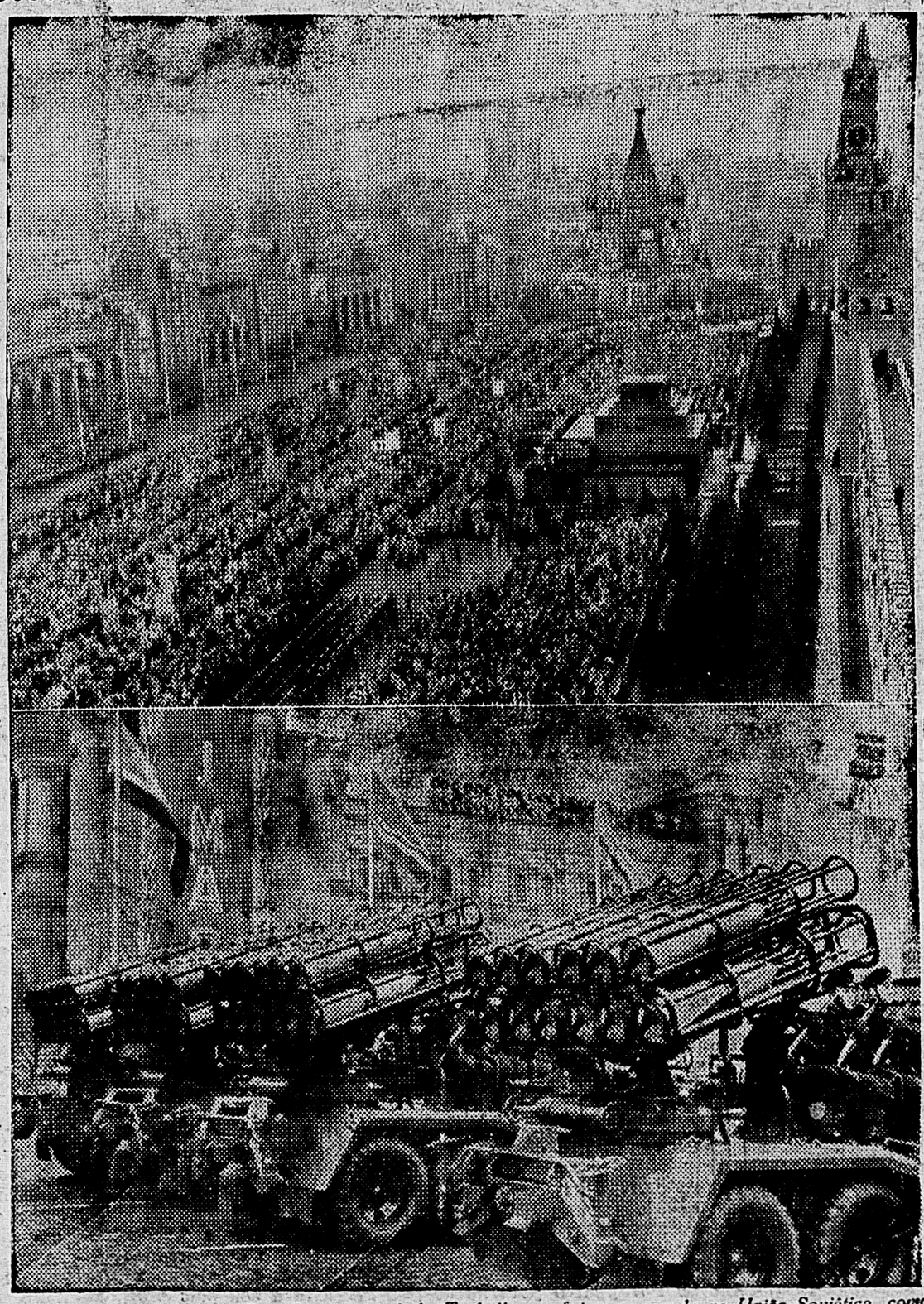
Nº 466 ☆ RIO DE JANEIRO, 10 DE MAIO DE 1958

No 140º Aniversário do Nascimento de Karl Marx

PENSADOR GENIAL E LUTADOR HERÓICO

(Leia na 3a. Página)

A solenidade realizada na séde do Sindicato dos Têxteis do Distrito Federal, teve um cunho unitário. Dela participaram tôdas as organizações sindicais da Capital da República, que lavraram o seu protesto em virtude de não ter a Câmara Federal votado a lei da Aposentadoria Integral. Na foto, aspecto da Mêsa que presidiu a solenidade, vendo entre outros dirigentes, Ary Campista, Benedito Cerqueira e Sindulfo Pequeno (Texto na nona página)



O 1º de Maio — Data Internacional do Trabalho — foi comemorado na União Soviética, como já é tradicional, com excepcionais festividades. O clichê mostra dois aspectos das celebrações em Moscou: em cima, um aspecto geral da manifestação na Praça Vermelha; em baixo, desfile da artilharia de foguetes. (Foto TASS)

O 70º Aniversário Da Abolição

(LEIA NA PÁGINA CENTRAL)

O Movimento Nacionalista E a Luta Eleitoral

EDITORIAL (na 3a. Página)

O VII Congresso da Liga dos Comunistas Iugoslavos

De 22 a 27 de abril, realizou-se o VII Congresso da Liga dos Comunistas da Iugoslávia. Na sessão plenária final, foi aprovado o trabalho do Comitê Central, realizado entre os VI e VII Congressos e adotada uma resolução segundo a qual deveriam ser aprovados os informes apresentados ao Congresso. Foi aprovado o programa da Liga, com emendas e alguns adendos, introduzidos pelo Congresso e durante as discussões que se efetuaram prèviamente. O Congresso aprovou também emendas e adendos relativos à Carta da Liga, bem como uma resolução sôbre as suas atividades correntes.

Após a eleição do novo Comitê Central e da Comissão Central de Contrôle, foi pronunciado o discurso de encerramento, pelo camarada J. B. Tito.

O novo Comitê Central elegeu um Comitê Executivo de 15 membros e um Secretariado de 5 membros.

J. B. Tito foi eleito secretário-geral e os outros quatro secretários são E. Kardelj, A. Rankovic, S. Vukmanovic e I. Gosnajak.

Uma vez que muitos pontos do projeto de programa da Liga estavam em contradição com o espírito da Declaração de Moscou, dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, e violavam os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, os partidos comunistas e operários dos países socialistas não enviaram delegações ao congresso. Excetuando-se três, os partidos comunistas e operários dos países capitalistas não estiveram representados.

O Partido Comunista Búlgaro, o Partido Operário Socialista da Hungria, o Partido Lao Dong do Vietnam, o Partido Socialista Unificado da Alemanha, o Partido Comunista Chinês, o Partido Revolucionário Popular da Mongólia, o Partido Operário Unificado Polonês, o Partido Operário Rumeno, o Partido Comunista da URSS, o Partido Comunista Indonésio, o Partido Comunista da Itália, o Partido Comunista da Tunísia e o Partido Socialista Unido da Islândia enviaram sòmente observadores ao congresso.

Os partidos socialistas que enviaram delegações ou representantes ao Congresso foram a Conferência dos Partidos Socialistas da Ásia, o Partido Socialista do Japão, o Partido Operário Unido de Israel, o Partido Socialista do Chile e o Partodo Socialista da Itália.

Enviaram um observador ao Congresso a União Nacional da República Árabe Unida e estiveram presentes representantes da Frente de Libertação Nacional da Argelia, o Partido Istiqlal de Marrocos e a União Popular de Camerum — (Noticiário da Agência Chinesa HSINHUA.)

OS TRABALHOS DO CONCLAVE — CRÍTICAS DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS ÀS TESES DO PROJETO DE PROGRAMA SÔBRE PROBLEMAS DA SITUAÇÃO INTERNACIONAL

CRÍTICA DOS COMUNISTAS FRANCESES

O jornal «L'Humanité», do Partido Comunista Francês, lamentou o fato de que o Presidente Tito, da Iugoslávia, não estabeleceu diferença entre as políticas de duas sociedades fundamentalmente diferentes — a política essencialmente pacífica da U. R. S. S. e a política essencialmente agressiva dos imperialistas.

O jornal comentava a declaração de Tito no VII Congresso da Liga dos Comunistas iugoslavos.

Ao atribuir a formação da NATO à chamada política exterior de não compromisso de Stálin — disse o jornal — Tito simplesmente contradisse a declaração de paz de Moscou, que foi assinada pela Liga dos Comunistas iugoslavos. A declaração de paz salientou claramente que os imperialistas norte-americanos devem ser considerados responsáveis pela tensão internacional e que era necessário reforçar a unidade dos países socialistas e de todos os partidos comunistas e operários.

Criticando Tito por esquecer a luta entre os sistemas capitalista e socialista, pergunta o jornal se «não estar comprometido, não significa enfraquecer essa luta?»

Quanto ao informe apresentado ao Congresso por E. Kardelj, diz «L'Humanité» que êle mostrou a decisão da Iugoslávia de permanecer em sua atual situação. Criticando a posição de meio-têrmo entre os dois blocos, adotada pela Iugoslávia, o jornal afirma que isso está em contradição não só com a Declaração dos partidos comunistas e operários, dos 12 países socialistas, com a qual a Iugoslávia não concordou mas também com a declaração da paz, dos 64 partidos comunistas e operários, entre os quais estava a Liga dos Comunistas da Iugoslávia.

Fato significativo foi que a Declaração não foi mencionada nos discursos dos delegados ao Congresso nem nas discussões realizadas nos vários comitês, concluiu o jornal francês.

COMENTÁRIO DE "L' UNITÁ"

Comentando o informe do camarada Kardelj ao VII Congresso da Liga dos Comunistas Iugoslavos sôbre o novo programa da Liga, afirma o jornal «L'Unità», órgão do Partido Comunista Italiano, que Kardelj, não modificando as posições fundamentais, indiretamente reconheceu a legitimidade da reação negativa dos outros partidos comunistas. O jornal analisa, em seguida, o conteúdo do informe de Kardelj, assinalando suas debilidades e declarando que, apesar de algumas formulações corretas, continuavam nêle não modificados os pontos de vista criticados sôbre a situação internacional, sôbre o capitalismo, de Estado e outras questões.

CRITICA DOS COMUNISTAS POLONESES

Em sua edição de 23 de abril, o jornal «Tribuna Ludu», órgão do Partido Operário Unificado da Polônia, publicou um editorial sob o título «O VII Congresso dos Comunistas da Iugoslávia». Neste editorial, diz o jornal:

A ordem-do-dia do congresso da Liga dos Comunistas da Iugoslávia é ampla e multilateral, nela figurando o balanço político do Comitê Central, bem como a discussão dos novos projetos de Programa e de Estatutos da Liga. Entre êstes problemas, tem importância fundamental o projeto de programa, uma vez que o programa, que indica a linha política para longos anos, desempenha um papel particularmente significativo na vida do partido comunista.

Nosso partido, como outros partidos comunistas e operários, defende uma posição de independência de todos os partidos e de não intervenção nas suas questões internas. Simultâneamente, consideramos, como os camaradas iugoslavos, que a crítica amistosa, fraternal, o sincero intercâmbio de opiniões contribui para o desenvolvimento de cada partido e do movimento operário internacional. Poristo, o nosso partido não pode se manter indiferente às formulações contidas no projeto de programa sôbre as questões fundamentais da teoria e da prática do movimento operário internacional.

E' necessário assinalar que alguns trechos e formulações do projeto de programa da Liga dos Comunistas Iugoslavos, na parte que se refere à situação internacional, despertaram sérias reservas. Isto se refere particularmente a pontos-de-vista sôbre questões, como o atual desenvolvimento da situação internacional, as causas e o caráter da divisão do mundo em dois blocos, a essência das relações entre os países socialistas, o papel do Estado e do capitalismo de estado nos países imperialistas, o processo de perecimento do Estado, as particularidades nacionais e as leis gerais da construção socialista.

E' sabido que, após a publicação do projeto, a comissão de Programa da L. C. I., levando em conta as manifestações suscitadas pela discussão então travada, prosseguiu trabalhando sôbre o texto do programa, introduzia no projeto numerosos e importantes complementos e emendas e é possível supor que, como resultado do trabalho do Congresso, serão introduzidas outras modificações positivas no conteúdo daquele importante documento.»

Em seguida, afirma o jornal polonês:

«As formulações do projeto de Programa, que ultrapassam os marcos dos problemas puramente iugoslavos, não podiam deixar de suscitar reservas essenciais por parte dos outros partidos comunistas e operários, entre êles o nosso partido. Não existe a praxe de que, no congresso de um partido, intervenham para discutir os representantes dos outros partidos convidados. Poristo, a direção do nosso partido, como de outros partidos comunistas e operários, resolveu enviar ao VII Congresso da Liga dos Comunistas da Iugoslávia sòmente um seu observador — o embaixador da Polônia em Belgrado.»

Em seguida, o jornal assinala que esta resolução não deve influir no desenvolvimento das relações amistosas entre ambos os partidos comunistas, bem como entre ambos os Estados, que visam o mesmo fim — o socialismo e uma paz duradoura.

Êxitos dos Comunistas Franceses Nas Eleições Locais

Realizaram-se a 20 de abril último eleições locais parciais em numerosos departamentos da França. O Partido Comunista Francês obteve nessas eleições cêrca de 1.700.000 votos, representando 24% da votação total. Comparando êsse número com os resultados obtidos pelo Partido Comunista nos mesmos locais, na última eleição cantonal, que se realizara em outubro de 1951, verifica-se que houve um aumento de aproximadamente 200.000 votos, o que representa progresso apreciável.

Os maiores aumentos de votos do Partido Comunista Francês foram registrados nos centros industriais.

O Partido Comunista Francês foi além disso o mais votado e o único que obteve tão expressivo aumento.

Êsses resultados desmentem a porpaganda reacionária segundo a qual o Partido Comunista Francês, após os acontecimentos da Hungria, teria entrado em decomposição. Ao contrário, o que se verifica é uma reafirmação e um reforçamento da confiança popular no P.C.F ,apesar da intensa campanha chovinista e anti-comunista desevolvida pelos colonialistas francêses em tôrno da guerra da Argélia. O resultado das eleições parciais de 20 de abril demonstrou que o povo francês, em sua maioria, repele as tentativas fascistizantes ou a entrega do poder a um general «salvador» como De Gaule.

No domingo seguinte ao dessas eleições, isto é, a 27 de abril, realizou-se o «segundo turno» das mesmas, nas localidades em que nenhum dos candidatos obtivera a maioria exigida. O Partido Comunista Francês, adotando uma tática extraordinàriamente flexível e ampla, decidiu unilateralmente, isto é, sem qualquer compensação, que seus candidatos desistissem em favor de candidato «republicano» mais votado, no primeiro turno, entendendo-se por candidato «republicano» todo aquêle que se opusesse às tentativas reacionárias da direita ou dos agrupamentos fascistas de extrema-direita. Com essa tática o Partido Comunista Francês evitou que fossem eleitos inúmeros candidatos que apoiavam a política colonialista na Argélia, embora com sacrifício de sua própria representação nos conselhos locais. O Partido Socialista Francês foi um dos mais beneficiados ,segundo noticiam as agências telegráficas.

Crônica Internacional

AS VICISSITUDES DE MR. NIXON NA AMERICA LATINA

AO MESMO tempo que Arturo Frondizi tomava posse do cargo de presidente da Argentina, tendo como programa do govêrno o pleno restabelecimento das liberdades democráticas, a defesa da economia nacional, e a adoção de uma política externa independente e de paz, ocorriam na América Latina outros fatos altamente significativos.

No Chile uma poderosa maioria parlamentar aprovou um projeto de lei que reforma o sistema eleitoral do país, dando-lhe caráter mais democrático e possibilitando a volta à legalidade do Partido Comunista Chileno. Cinqüenta e sete deputados dos Partidos Socialista, Nacional, Democrata Cristão, Agrário Trabalhista e Radical constituíram a maioria que derrotou, em sessão tumultuosa, a oposição obstinada da direita. Poucos dias antes, o presidente da República, general Ibañez, havia cancelado sua visita aos Estados Unidos, como protesto contra manobras visando à baixa dos preços dos produtos de exportação chilenos e contra as restrições à importação do cobre.

Na Colômbia, foi desbaratada uma tentativa de golpe militar para restabelecimento da ditadura, e as eleições foram realizadas na data marcada, embora ainda obedecendo ao sistema singular e anti-democrático de representação numèricamente igual dos dois partidos tradicionais — o Conservador e o Liberal —, e de revezamento obrigatório dos mesmos na presidência da República. Apesar de serem assim pràticamente impedidos de atuar quaisquer outros partidos políticos, inclusive o Partido Comunista, a realização das eleições representou sem dúvida um passo positivo no sentido da democratização do país e do restabelecimento das liberdades e da legalidade constitucional. Suprimida a ditadura, criam-se assim condições mais favoráveis para o desenvolvimento dos movimentos populares e progressistas.

Na Venezuela, consolidam-se as conquistas democráticas do movimento que derrubou a ditadura Jiménez, e o Partido Comunista está atuando aberta e legalmente, sendo inclusive seus representantes recebidos oficialmente pela Junta Provisória de govêrno. Em Cuba são cada dia mais visíveis os sintomas de decomposição do regime Batista, e até mesmo no Paraguai o govêrno do general Stroessner vê-se obrigado a anunciar algumas acoeis medidas de caráter democrático.

Constituíram além disso sinais expressivos da nova era que se inicia assim em tôda a América Latina os vicissitudes de Mr Nixon por ocasião de sua visita aos países platinos. O vice-presidente dos Estados Unidos, a caminho de Buenos Aires, onde deveria assistir à posse de Frondizi, passou por Montevidéu, e teve aí a desagradável surprêsa de ver-se apupado no aeroporto pelos estudantes, e de dêles ouvir, durante a visita que fêz à Universidade, uma ata de acusação contra a política norte-americana de intervenção nos assuntos internos e dominação econômica da América Latina. Chegando à Argentina Mr. Nixon constatou que sua pessoa não despertava grande simpatia. Os meios oficiais dos Estados Unidos acusaram o povo e as autoridades argentinas de descortesia, pois, tendo chegado atrasado à cerimônia de posse, teve de abrir caminho por meio de coteveladas e empurrões. Mais uma vez os estudantes, agora na Faculdade de Direito de Buenos Aires, responsabilizaram os Estados Unidos pela deposição de Gallegos na Venezuela e de Arbenz na Guatemala, e pela opressão colonial do povo de Pôrto Rico. Mr. Nixon não foi alvo na Argentina de homenagens excepcionais, como as que habitualmente se têm prestado no passado, na América Latina, aos representantes oficiais do govêrno dos Estados Unidos. Foi apenas recebido cortez e amàvelmente por Frondizi, em absoluto pé de igualdade com os representantes de outros países, inclusive o vice-presidente do Soviet Supremo da URSS, o presidente da Rumânia e os vice-primeiro ministros da Polônia e da Tchecoslováquia. Sinal dos tempos, há de ter meditado melancòlicamente Mr. Nixon.

Um exame mesmo superficial da situação política nos países da América Latina, inclusive no nosso, mostra que se estão operando modificações importantes no sentido de uma posição mais independente em relação ao imperialismo norte-americano e de um ascenso geral do movimento democrático e antiimperialista. O vice-presidente dos Estados Unidos pôde constatar isso pessoalmente, e, segundo informam as agências telegráficas, volta a seu país profundamente preocupado.

DECLARAÇÃO SÔBRE A POLÍTICA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

EDITADA EM FOLHETO

Preço do exemplar ..... Cr$ 3,00

À venda na sede de «Voz Operária», à Av. Rio Branco, 257, sala 1712.

PENSADOR GENIAL E LUTADOR HEROICO

COMEMOROU O MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL O 140º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE KARL MARX

TRANSCORREU a 5 de maio passado o 140º aniversário do nascimento de Karl Marx. A data foi festivamente comemorada pelo movimento operário internacional, principalmente naqueles países onde a classe operária, seguindo os ensinamentos do próprio Marx, já se encontra triunfante no poder e constrói uma nova sociedade.

Os trabalhadores de todo o mundo se orgulham de ter Marx, o maior pensador já surgido na História da humanidade, como criador de sua doutrina e fundador do movimento comunista. Juntamente com Friedrich Engels, o seu magnífico amigo e companheiro de lutas, Marx dedicou quarenta anos de sua vida à tarefa de organizar pràticamente o movimento operário de vanguarda e elaborar as questões teóricas fundamentais do socialismo científico. Sua obra mais genial — "O Capital" — é um monumento imperecível da cultura humana.

A obra de Marx tem sido, através dos tempos, atacada por tôda a espécie de ideólogos burgueses e pelos revisionistas e reformistas, que traem os interêsses da classe operária. A obra de Marx, entretanto, tem resistido sobranceira a todos êsses ataques. Ela se impõe cada vez mais à consciência da classe operária e ao pensamento dos intelectuais mais esclarecidos porque são os fatos que a confirmam. Agora mesmo, assistimos como se esborôa a abundante literatura de apologia do capitalismo, que nasceu no seu recente período de "prosperidade". Economistas burgueses e social-reformistas, como o inglês John Strachey, proclamaram que o capitalismo estava mudando de natureza e que já era capaz de evitar as crises periódicas. Marx estaria superado... A realidade, porém, com o início da crise econômica nos Estados Unidos, se encarregou de confirmar a Marx e não aos economistas burgueses e social-reformistas.

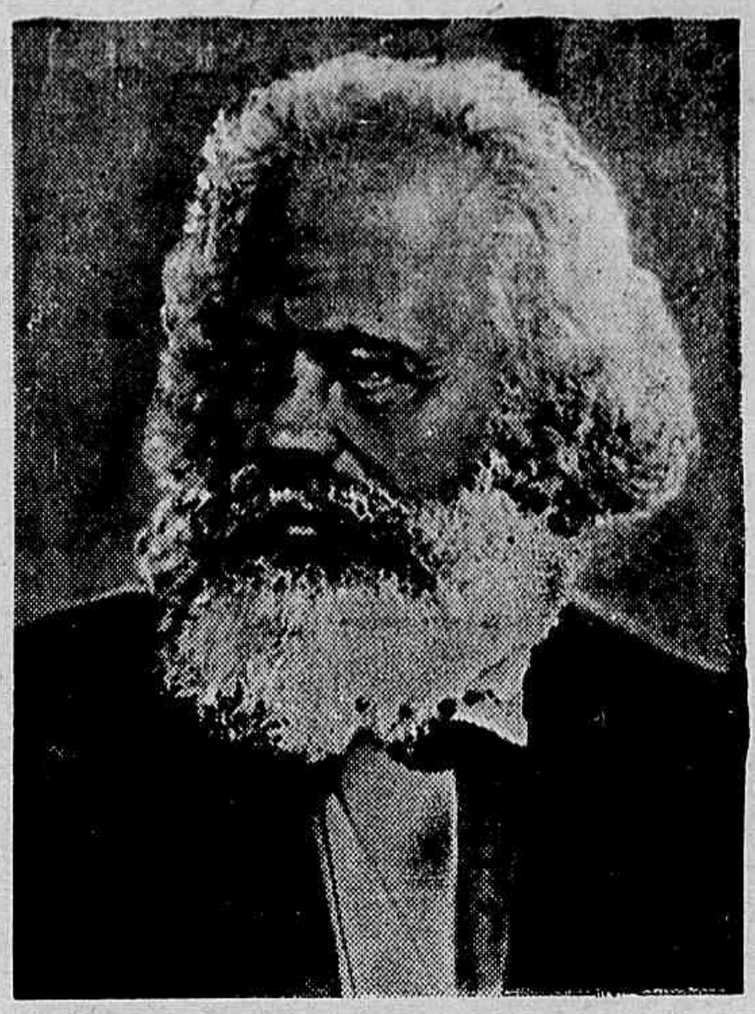
Marx e Engels jamais conceberam a teoria, que criaram, como um sistema acabado e definitivo. Afirmavam que o materialismo dialético ultrapassa tôda a antiga filosofia, precisamente porque não pretende colocar um ponto final no processo do conhecimento, mas declara que êste avança incessantemente de graus inferiores para superiores, sem jamais chegar ao seu término. Assim, pois, a teoria de Marx e Engels é, na sua essência, antidogmática, crítica e revolucionária. Os seus princípios não são postulados subjetivos, mas sínteses que refletem os traços fundamentais da realidade objetiva. Servem poristo de ponto de partida para a elaboração criadora de novas teses, de acôrdo com o desenvolvimento da própria realidade.

A herança de Marx e Engels foi criadoramente enriquecida por Lênin, encarnou-se na gloriosa Revolução de Outubro e na construção do socialismo na União Soviética, foi criadoramente desenvolvida pelos partidos comunistas da URSS, da China e dos outros países em que a classe operária já se encontra no poder, bem como pelos partilos comunistas irmãos dos países ainda sob o jugo capitalista.

A vitalidade da doutrina de Marx, Engels e Lênin se expressa dia a dia, no movimento comunista, que haure as suas fôrças da profunda ligação com as massas, dentro das condições nacionais particulares de cada país, e da invariável solidariedade internacional, sob o lema que Marx e Engels lançaram no "Manifesto Comunista", em 1848: "Proletários de todos os países, uni-vos!"

Comemorando o 140º aniversário do nascimento de Marx, os trabalhadores e os homens progressistas de todo o mundo reverenciam com profunda emoção a memória dêsse titã do pensamento e da ação.

Reproduzimos, a seguir, a pequena biografia de Marx escrita por Lênin, que foi o seu genial discípulo e continuador.



KARL MARX

V. I. LÊNIN

KARL MARX nasceu em 5 de maio de 1818, em Treves (Prússia Renana). Seu pai, advogado israelita, converteu-se, em 1824, ao protestantismo. Sua família, abastada e culta, não era revolucionária. Terminando os estudos no Liceu de Treves, Marx entrou para a Universidade de Bonn, indo depois para Berlim, onde estudou direito e, sobretudo, história e filosofia. Em 1841, terminava os seus estudos, sustentando uma tese de doutorado sôbre a filosofia de Epicuro. Eram, então as concepções de Marx as de um hegeliano idealista. Fêz parte, em Berlim, do círculo "hegelianos de esquerda" (Bruno Bauer e outros), que procuravam extrair da filosofia de Hegel conclusões atéias e revolucionárias.

Saindo da Universidade, Marx fixou-se em Bonn, onde contava com uma cadeira de professor. Mas a política reacionária do mesmo govêrno que, em 1832, afastara Ludwig Feuerbach de sua cátedra, e que, em 1836, recusava o seu retôrno à Universidade, e ainda, em 1841, proibia ao jovem professor Bruno Bauer realizar conferências em Bonn, obrigou a Marx a renunciar à carreira universitária. Nessa época, o desenvolvimento das idéias hegelianas de esquerda estava em franco progresso na Alemanha. Particularmente, a partir de 1836, começou Ludwig Feuerbach a criticar a teologia e a se orientar para o materialismo que, em 1841, já aceitava inteiramente, como se verifica em a *A essência do cristianismo;* em 1843, eram publicados os seus *Princípios da Filosofia do Futuro.*

"E' preciso ter experimentado em si mesmo a ação libertadora dêsse livro. Nós, isto é, os hegelianos de esquerda, inclusive Marx, fomos todos, em dado momento, "feuerbachianos", (Engels — "Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã"

Nessa época, os burgueses radicais da Renânia, que tinham certos pontos de contactos com os hegelianos de esquerda, fundaram, em Colônia, um jornal de oposição, a *Gazeta Renana*, que apareceu a partir de primeiro de janeiro de 1842. Marx e Bruno Bauer foram os seus principais colaboradores e, em outubro de 1842 Marx tornou-se o seu redator-chefe, mudando-se então de Bonn para Colônia. Sob a direção de Marx, a tendência democrático-revolucionária acentuou-se cada vez mais e, em conseqüência, o govêrno submeteu o jornal a uma dupla e mesmo tripla sensura, chegando a ordenar a sua suspensão definitiva a partir de primeiro de abril de 1843. Marx viu-se, então, obrigado a abandonar seu pôsto de redator, mas isso não foi suficiente para salvar o jornal, que se viu obrigado a desaparecer em março do mesmo ano. Entre os artigos publicados por Marx na *Gazeta Renana*, Engels cita um a respeito das condições dos viticultores do vale de Mosela. Suas atividades de jornalista, bastaram para mostrar a Marx que os seus conhecimentos de economia política eram insuficientes, levando-o a estudá-la com ardor.

Em 1843, Marx desposou em Kreuznach, Jenny von Westphalen, que já era sua conhecida desde criança e com a qual já se havia comprometido desde seu tempo de estudante. Sua espôsa pertencia a uma família nobre e reacionária da Prússia. O irmão mais velho de Jenny foi ministro do Interior na Prússia em uma das épocas mais reacionárias, de 1850 a 1858. No outono de 1843, Marx foi a Paris para editar uma revista radical ao lado de Arnold Ruge (1802-1880), hegeliano de esquerda aprisionado de 1825 a 1830, emigrado depois de 1848 e partidário de Bismarck de 1866 a 1870. Mas apareceu sòmente o primeiro número desta revista intitulada *Os Anais Franco-alemães*. Foi suspensa, devido a dificuldade de sua difusão clandestina na Alemanha e das divergências com Ruge. Nos artigos de Marx publicados na revista, êle já nos aparece como um revolucionário que proclama "a crítica implacável de tudo o que existe" e, em particular "à crítica das armas" e apela às massas e ao proletariado.

Em setembro de 1844, Frederico Engels veio a Paris por alguns dias e tornou-se o amigo mais íntimo de Marx. Tiveram ambos a parte mais ativa na vida agitada dos grupos revolucionários da época, em Paris. A doutrina mais importante era a de Proudon com que Marx acertou contas, categòricamente, na *A miséria da Filosofia* publicada em 1847. Numa luta cerrada contra as diversas doutrinas do socialismo pequeno-burguês, Marx e Engels elaboraram a teoria e a tática do socialismo proletário revolucionário, ou comunismo (marxismo). Em 1845, por exigência do govêrno prussiano, Marx foi expulso de Paris como um revolucionário perigoso. Seguiu para Bruxelas. Na primavera de 1847, Marx e Engels filiaram-se a uma sociedade secreta de propaganda, a *Liga dos Comunistas* e tomaram parte preponderante no segundo congresso desta Liga em Londres, novembro de 1847. A pedido do congresso, redigiram o imortal *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em fevereiro de 1848. Esta obra expõe com clareza e precisão geniais a nova concepção do mundo, o materialismo conseqüente, que abrange também o domínio da vida social, a dialética apresentada como a ciência mais vasta e mais profunda da evolução, a teoria da luta de classes e do papel revolucionário, histórico-mundial, do proletariado, criador de uma sociedade nova, a sociedade comunista.

Deflagrada a revolução de fevereiro de 1848, Marx foi expulso da Bélgica. Regressou a Paris, de onde saiu depois da revolução de março, para voltar à Alemanha e se fixar em Colônia. Foi aí que apareceu de primeiro de junho de 1848 a 19 de maio de 1849, a *Nova Gazeta Renana* da qual foi redator-chefe. A nova teoria foi brilhantemente confirmada pelo curso dos acontecimentos revolucionários de 1848-1849, e, em seguida, por todos os movimentos proletários e democráticos em todos os países do mundo. A contra-revolução vitoriosa venceu-se de Marx, tendo êle sido detido em 9 de fevereiro de 1849 e expulso, em 16 de maio do mesmo ano da Alemanha. O mesmo aconteceu em Paris de onde foi igualmente expulso depois da manifestação de 13 de junho. Partiu então para Londres, onde viveu até o fim de seus dias.

As condições dessa sua vida de emigrado eram extremamente penosas, como o revela, com uma clareza particular, a correspondência entre Marx e Engels, editada em 1913. Marx e sua família viviam literalmente esmagados pela miséria; sem o apoio constante e devotado de Engels, Marx não só não teria podido completar *O Capital*, como ainda teria sucumbido à miséria. Sem dúvida, as doutrinas e as correntes predominantes do socialismo pequeno-burguês, do socialismo não proletário em geral, obrigavam Marx a manter uma luta implacável, incessante, que

(CONCLUI NA 11ª PÁG.)

O MOVIMENTO NACIONALISTA E A LUTA ELEITORAL

O MOVIMENTO nacionalista vem se afirmando como ampla frente única, que abrange tôdas as fôrças interessadas no desenvolvimento independente e progressista da nação brasileira. Uma das características principais do movimento nacionalista é precisamente a de que não admite discriminações por motivos ideológicos ou políticos. A unidade entre as fôrças interessadas se estabelece não em tôrno de formulações abstratas, mas de objetivos concretos, colocados na ordem-do-dia pela própria realidade do país, como a defesa do monopólio estatal do petróleo ou a defesa dos preços do café no mercado internacional. A luta por objetivos concretos dessa ordem atrai fôrças de caráter o mais heterogêneo, desde os comunistas até elementos procedentes de círculos tipicamente conservadores.

Qualquer critério discriminatório, volte-se contra os comunistas ou contra outras fôrças só pode resultar em dano para a frente única nacionalista. A sua ampliação e crescente coesão são do interêsse de todos os patriotas.

ATUANDO combativamente no plano político, o movimento nacionalista não pode ser, como é natural, indiferente a um fato político da importância das eleições. O movimento nacionalista exerce incisiva influência no caráter da campanha eleitoral, colocando no centro dos debates, diante da opinião pública, os grandes temas do progresso, da democracia e da independência nacional. De um modo ou de outro, os candidatos aos postos executivos e legislativos são obrigados a definir-se a respeito dêstes temas e isto, evidentemente, não deixa de influir na própria disposição das fôrças políticas, nos seus preparativos para o pleito de outubro.

SERIA errôneo, porém supôr que a situação política brasileira já atingiu grau de amadurecimento tão elevado, que possibilite ao movimento nacionalista identificar-se com esta ou aquela coligação eleitoral, nos vários pontos do país. Esta seria uma conclusão mecânica, que, levada às consequências práticas, só poderia estreitar e tornar faccioso o que, pelo contrário, deve ser amplo e sem discriminações, como é o caso da frente única nacionalista.

UMA das peculiaridades nacionais é precisamente a heterogeneidade dos partidos políticos. Daí porque existam elementos nacionalistas em todos os partidos, Isto, está claro, não estabelece identidade entre êles. Enquanto existem partidos que, em conjunto, já defendem plataformas nacionalistas e democráticas, em outros as posições nacionalistas são defendidas por certas alas ou grupos, de maior ou menor expressão. Discriminar por um critério de filiação partidária não pode deixar de ser nocivo, poristo, ao movimento nacionalista.

AS DIVERGÊNCIAS de ordem estritamente partidária, motivadas por tais ou quais interêsses restritos, às vezes puramente personalistas, costumam aguçar-se no decorrer das campanhas eleitorais. Êste é um fator que, em determinada medida, exerce influência sôbre a formação das coligações que disputam os cargos eletivos.

COMPREENDE-SE, por conseguinte, que os nacionalistas mais conseqüentes se esforcem para superar as divergências partidárias e unificar as fôrças nacionalistas em agrupamentos eleitorais, visando eleger o maior número possível de nacionalistas e derrotar os entreguistas. Mas o movimento nacionalista, como movimento de frente única, tem objetivos mais amplos e mais duradouros do que os de qualquer coligação eleitoral. Daí porque não seria justo colocar o movimento nacionalista a serviço desta ou daquela coligação eleitoral.

LEVANTANDO os problemas concretos do desenvolvimento independente e progressista do país, o movimento nacionalista contribui para isolar os candidatos entreguistas e criar as condições propícias à eleição do maior número de nacionalistas, de maneira a que do pleito de outubro resulte uma correlação de fôrças ainda mais favorável ao nacionalismo e à democracia. Mas, ao mesmo tempo, não se identificando especificamente com partidos ou coligações, o movimento nacionalista conserva o seu amplo caráter unitário, com a perspectiva das lutas futuras.

A Alternativa Democrática e os Comunistas

Palmiro TOGLIATTI

As PRÓXIMAS eleições políticas serão a primeira consulta com caráter nacional, que se desenrolarão após o VIII Congresso de nosso Partido.

Pode-se já prever que provocarão uma luta geral e muito intensa, que será essencialmente uma luta entre o velho e o novo. A estrutura e a direção políticas que dominaram no decorrer de duas legislaturas tenderão a arrancar do eleitorado uma adesão que lhes permita considerar-se como as únicas possíveis em nosso país e a apresentar-se desta maneira. As condições reais de nosso país são, porém, tais que reforçam a aspiração difusa a uma modificação e proveram um impulso efetivo nesse sentido. Essa modificação se apresenta não só necessária, mas indispensável também a todo aquele que reflita a fundo sôbre as perspectivas que se abririam se não se criassem ao menos certas condições para isso. E' portanto legítimo lembrar aqui nosso VIII Congresso, sua plataforma geral e suas decisões e é mesmo obrigatório fazê-lo porque o objetivo que dominou nosso VIII Congresso foi justamente o de livrar a Itália da situação em que desejaria mantê-la hoje o partido dominante, e fazê-la avançar pelo caminho da democracia e do socialismo.

Os progressos alcançados pelo socialismo no mundo manifestaram-se, durante o ano passado, de uma maneira tão evidente que chamaram profundamente a atenção de tôdas as camadas da população trabalhadora, levando-as a refletir. A superioridade da União Soviética no domínio científico — da qual nos deu já a prova — obrigou até mesmo os espíritos mais retrógrados a reconhecer o valor decisivo de uma série de conquistas alcançadas pela classe operária no exercício do poder político, apesar das provas muito duras que teve de vencer. Essas conquistas vão do desaparecimento total, há cêrca de 30 anos, do desemprêgo; da criação de um sistema econômico, que assegura à indústria um ritmo de desenvolvimento mais rápido que nos países capitalistas mais avançados; da conquista de um nível de vida digno para todos os cidadãos, até à eliminação do analfabetismo e da ignorância, até à criação de um sistema escolar que garante a todos os cidadãos a possibilidade de desenvolver sua inteligência e sua personalidade. Vão das vitórias conquistadas sôbre o atraso tradicional em que se encontrava o campo, até ao desenvolvimento da agricultura coletiva; do fim da exploração capitalista até à participação ativa dos trabalhadores no debate e na solução dos problemas econômicos e políticos decisivos. As velhas estruturas do mundo capitalista que, há apenas quarenta anos, se estendiam a todo o mundo, foram em parte destruídas pelos êxitos do socialismo; o que resta do mundo capitalista — embora represente fôrça considerável, — atua em espaço reduzido, é atormentado por problemas cada vez mais difíceis de resolver, é dilacerado por contradições que se tornam dia a dia mais evidentes. Todos os problemas da política internacional são hoje dominados e condicionados por essa realidade. Tôdas as esperanças absurdas de um colapso do mundo socialista, graças ao «cordão sanitário» que o cerca e aos blocos militares agressivos formados com a finalidade de abatê-lo, — todas essas esperanças se desfizeram no ar. Os inimigos mais encarniçados não se encontram mais em condições de pensar num ataque contra os países governados pela classe operária e pelos comunistas sem que se lhes apresente no espírito a perspectiva de sua própria destruição. Tôdas as orientações da velha política estrangeira imperialista se encontram portanto em crise. Seus objetivos não parecem mais poder ser atingidos nem pela guerra fria e nem pela agressão armada. O mundo inteiro chegou a um ponto crucial onde parece ser absolutamente necessário escolher outro caminho completamente diferente daquele que os grupos dominantes do imperialismo até hoje têm constrangido os povos a trilhar.

Onde está a Itália hoje, no momento que se pode chamar de espera ou de prelúdio de uma grande reviravolta da situação mundial?

Pode-se resumir a situação de nosso país numa contradição fundamental que emerge no fim, qualquer que seja o aspecto pelo qual se considere. As condições objetivas e subjetivas indicam que profundas transformações econômicas e sociais estão maduras e trazem imanente a tendência a se destacarem das estruturas capitalistas tradicionais e a evoluírem no sentido do socialismo. A necessidade dessas transformações é tão evidente que mesmo na Constituição do Estado é reconhecida e afirmada. Decorre igualmente da amplitude e da profundidade do movimento organizado da classe operária das massas trabalhadoras, do papel decisivo que êsse movimento teve para determinar logo de início o colapso do fascismo e em seguida a restauração de um regime de democracia; decorre também do caráter progressista da Carta constitucional do atual regime. Em nosso país criou-se, todavia, em consequência das vicissitudes da última década, um bloco de fôrças conservadoras características. O que favoreceu sua constituição foi desde o início a ocupação do território nacional pelos exércitos dos dois maiores países imperialistas, — a Inglaterra e os Estados Unidos, — e em seguida a atividade das hierarquias eclesiásticas para evitar as profundas transformações econômicas e políticas necessárias. O resultado foi o monopólio político do partido da democracia cristã, tornado partido do govêrno das velhas classes burguesas e instrumento principal de uma política de conservação social.

Há dez anos, portanto, desenvolveu-se e ganhou extensão uma fase interessante daquilo que Antonio Gramsci teria chamado de guerra de posições entre os grupos sociais e os partidos que desejam realizar essa renovação econômica e política, cujas premissas já existem, e aqueles que por todos os meios procuram impedi-la. Nessa conjuntura, tôda a ação da classe operária e das fôrças democráticas avançadas teve simultaneamente caráter ofensivo e defensivo. Em todos os casos, tratou-se de realisar, de maneira mais ou menos explícita, — satisfazendo-se reivindicações vitais das massas trabalhadoras, — ao menos uma parte das transformações necessárias ao progresso da sociedade italiana e impedir ao mesmo tempo que se feche o caminho a transformações mais profundas e mais decisivas. E, por outro lado, tratou-se sempre de uma ação tendente a conseguir êste último resultado mesmo quando, sendo impossível consegui-lo por meios violentos, recorreu-se à concessão parcial, à manobra indireta, à tentativa de desagregar interiormente a frente dos trabalhadores.

Para compreender essa complexa realidade basta lembrar o que foi necessário fazer no campo para conseguir um mínimo de reforma agrária, e como o partido dominante tentou, embora em vão, servir-se dêsse mínimo para impedir novos progressos do movimento camponês, ou então pensemos no esfôrço ininterrupto dos trabalhadores, com suas organizações sindicais e políticas, para avançar além da luta pelas vantagens imediatas e colocar, de maneira positiva e nova, os problemas ligados ao progresso técnico e à reconstrução econômica, os problemas relativos a um plano econômico de trabalho, ao renascimento das regiões meridionais, da montanha e de outras zonas atrasadas, e assim por diante. Consideremos, por outro lado, a ofensiva sistemática do patronato para expulsar a classe operária do terreno da democracia e obrigá-la a representar papel subalterno e servil, começando, nas fábricas, a privá-la dos direitos à liberdade e à igualdade; para diminuir o poder de negociação dos sindicatos e sobretudo para levantar barreira intransponível, impedindo o acesso das classes trabalhadoras à direção da república.

As eleições políticas de 1953, com o fracasso da tentativa representada pela «lei trapaça", tornaram evidente o fundo do problema. Não só pela «lei-trapaça», o instituto parlamentar, como um das formas do movimento para transformar o país segundo os princípios constitucionais, teria perdido todo o seu valor, como a situação política teria sido bloqueada durante tempo indefinido, tornando impossível qualquer novo desenvolvimento. O monopólio político democrata cristã ter-se-ia tornado, de fato, a base de um regime nem democrático e nem parlamentar. Compreende-se portanto muito bem porque o secretário atual da democracia cristã baseie tôda sua propaganda, hoje, na afirmação de que o resultado de 7 de junho foi uma catástrofe. E se compreende, também, que êle próprio e as fôrças econômicas e políticas que exprime procurem sobretudo obter, através das novas eleições, resultado equivalente àquele que a 7 de junho não puderam obter. Tal seria, com efeito, a conquista da maioria parlamentar absoluta pelo partido da democracia cristã.

(CONCLUI NA 11ª PAG)

Inevitável a Derrota da Rebelião Pro-Imperialista na Indonésia

RELAÇÕES DE COLABORAÇÃO ENTRE OS COMUNISTAS E O GOVÊRNO SUKARNO — ENTREVISTA DE D.N. AIDIT, SECRETÁRIO-GERAL DO P.C. DA INDONÉSIA

Reproduzimos a seguir o texto de uma entrevista de D. N. Aidit, Secretário Geral do Comitê Central do Partido Comunista da Indonésia, concedida a K. P. Ramanath, correspondente da Associated Press em Jacarta, a 1º de março de 1958.

PERGUNTA — Como se deve tratar o govêrno rebelde estabelecido na Sumatra Central?

RESPOSTA — Os rebeldes devem ser tratados como rebeldes. Já manifestamos a opinião de que concordamos em geral, com as medidas já tomadas e que estão sendo tomadas a êste respeito pelo govêrno. Penso que todo govêrno que respeite a si mesmo luta contra rebeldes. Consideremos, por exemplo, o Estado de Ohio, nos Estados Unidos da América; se ali eclodisse uma revolta, o govêrno de Washington não o permaneceria passivo. E penso que as ações do govêrno americano seriam, sem dúvida alguma, mais rápidas e definitivas do que as agora tomadas pelo govêrno indonésio.

PERGUNTA — Os líderes rebeldes proclamam que são anticomunistas e querem que o presidente Sukarno varra os comunistas do govêrno em Djakarta. O que o senhor tem a dizer a respeito?

RESPOSTA — Que sejam anti-comnistas não duvidamos, e isso é natural. Os comunistas estão entre aqueles que mais desmascaram a corrupção, os atos de contrabando e as atividades traidoras dos rebeldes. É motivo de orgulho para nós que corruptores, contrabandistas e traidores nos tenham como inimigos. Sua inimizade eleva nosso prestígio perante o povo. A exigência de que o presidente Sukarno expulse os comunistas do govêrno central é algo impossível de acontecer porque, em primeiro lugar, não há comunistas no atual govêrno e, segundo, o presidente, de conformidade com suas próprias concepções, deseja que os comunistas participem do govêrno.

PERGUNTA: — O sr. julga que o conflito entre o govêrno central e as áreas em poder dos rebeldes provocará uma guerra civil de grande envergadura no país?

RESPOSTA: — Não sou dessa opinião. O desejo dos rebeldes de desencadear uma guerra civil em ampla escala não se realizará desde que o govêrno aja com firmeza e rapidez e com fôrças superiores às fôrças rebeldes. Seria provável que os rebeldes consigam criar uma guerra civil em ampla escala se o govêrno agisse de maneira irresoluta, vagarosamente e com pequenas fôrças, ou na eventualidade de que um país imperialista intervenha para ajudar os rebeldes. Se por acaso isso acontecer, já não estaríamos mais diante de uma questão concernente apenas ao povo indonésio e ao país imperialista opressor. Seria algo que diria respeito aos povos ásio-africanos e aos povos do mundo que condenam a intervenção. E, se isso acontecesse, estou convencido de que a vitória final caberia ao povo indonésio. Estou convencido, além disso, que uma guerra civil em ampla escala será evitada porque a maioria das Fôrças Armadas e o povo da Sumatra Ocidental se revoltarão contra Achmad Hussein.

PERGUNTA: — Em virtude de estarem os líderes rebeldes da Sumatra Central aumentando os ataques contra os comunistas e o Partido Comunista, que medidas o senhor pretende adotar para proteger os interêsses de seu Partido?

RESPOSTA: — Acho não haver necessidade de recorrermos a medidas especiais de defesa porque ataques provindos de corruptores, contrabandistas e traidores contra os comunistas ajudam a desenvolver nosso Partido. O que nos cabe fazer é explicar ao povo quem êles são e ajudar o govêrno a esmagá-los o mais depressa possível.

PERGUNTA: — O senhor sinceramente julga que uma modificação no govêrno de Djakarta possa influir sôbre o futuro de seu Partido?

RESPOSTA: — No momento não esperamos haver modificação no govêrno de Djuanda. Se uma modificação no govêrno se tornar necessária no futuro, o único govêrno que poderá contar com amplo apoio do povo será um gabinete Gotong Rojong, de acôrdo com as idéias do presidente Sukarno.

PERGUNTA: — Os rebeldes da Sumatra Central afirmam que o gabinete atual é inconstitucional e que, ao formar o Conselho Nacional, o presidente agiu fora da Constituição. Qual sua opinião a respeito?

RESPOSTA: — Julgamos que a acusação de que o govêrno atual é inconstitucional é levantada apenas para encobrir as atividades inconstitucionas dos rebeldes. Na Constituição da República da Indonésia não há dispositivos que proíbam a formação de um instituto como o Conselho Nacional ou que proíbam o presidente de nomear-se a si próprio como promotor dêsse Conselho, numa situação de emergência. Tanto legal como politicamente a posição do atual govêrno é muito forte porque tem maioria no Parlamento e é apoiado pela esmagadora maioria do povo. Se são realmente sinceros em sua opinião de que o atual govêrno seja inconstitucional então devem ser coerentes até o ponto de não aceitar qualquer posto importante na atual administração e devem boicotar o parlamento como tem sido feito pelo Partido

(CONCLUI NA 11ª PAG)

No dia 25 de março, estudantes de Jakarta realizaram uma demonstração diante da residência do embaixador dos Estados Unidos, protestando contra a intervenção dêste país e do bloco da SEATO nos negócios internos da Indonésia. O clichê mostra os participantes da manifestação, carregando faixas e cartazes em que se lê (em inglês): "SEATO, tire as mãos da Indonésia!"; "SEATO, vá para o inferno!" (Foto da Agência HSINHUA)

Como Julgar a Câmara, no Caso Da Lei de Aposentadoria ?

Paulo MOTTA LIMA

A LEI de Aposentadoria Integral, embora beneficiando apenas os trabalhadores de 55 anos de idade e 30 de serviço, não deixa de representar uma conquista. Essa lei, na forma de ante-projeto do Executivo, foi solenemente levada ao Palácio Tiradentes, a 15 de abril último, pelo chefe da Casa Civil da Presidência da República, sr. Vitor Nunes Leal. Êsse ilustre portador entregou-a ao sr. Ranieri Mazzilli. Não em simples revezamento, de mãos burocráticas para mãos burocráticas, segundo a fórmula consagrada na redação oficial: "Passo às vossas mãos, para os devidos fins". A entrega da mensagem com a Lei de Aposentadoria foi assistida, solenemente, pelos líderes Armando Falcão, da maioria; Fernando Ferrari, do PTB; Benjamin Farah, do PSP; Miguel Leuzzi, do PTN; Newton Carneiro, representando a UDN; Rogê Ferreira, do PSB, além dos deputados José Joffily, Leoberto Leal, Mário Gomes, Batista Ramos, Geraldo Starling e Martins Rodrigues.

Tornou-se claro, desde o primeiro momento, o desejo do govêrno de ver pronta a lei em tempo útil, de sorte que, sancionada, seu anúncio festivo constasse da programação do 1º de Maio. As fôrças partidárias da Câmara, sem excessão, concordaram com isso. Todos desejavam, através do novo benefício, melhorar um pouco a legislação trabalhista, homenageando assim a classe operária, em sua data internacional.

O que vimos, porém, na realidade? Dias pantes do 1º de Maio, a marcha batida, a tramitação forçada. Emendas apresentadas. Emendas retiradas. Acôrdo geral em tôrno das emendas. Sessões noturnas, sessões matutinas. Os líderes mais experientes da Casa, surpreendidos em plena batalha por disposições regimentais conhecidíssimas, como a que exige, antes da aprovação, a publicação das emendas. Em resumo, nada feito no 1º de Maio. A lei retocada e pronta. A discussão encerrada. Todos de acôrdo, mas o plenário sem número para votar!

Estaremos diante de monstruoso e requintado ato de má fé, do qual são responsáveis os líderes de todos os partidos com representação no Parlamento? Tudo indica não se tratar disso. Também não seria de aceitar a hipótese de que, entre aqueles representantes de fôrças políticas, algum ou alguns, do govêrno ou de oposição, tivessem agido de má fé, sabotando a marcha do projeto, através de uma trama diabólica, à revelia de outros grupos.

Houve, isto sim, uma clamorosa demonstração de incapacidade, por parte daquelas fôrças partidárias. Os liderados, em proporções elevadas, de um têrço no caso do PTB, de metade no caso do PSD e do PSP e de dois terços no caso da UDN, não cumpriram as determinações dos líderes. Colocaram acima da disciplina partidária questões de ordem pessoal ou interêsses eleitorais imediatistas. Aproveitando um fim de semana com feriado na quinta e sexta-feira enforcada, voaram para os Estados.

Se a compreensão da importância da classe trabalhadora, por parte das correntes partidárias da Câmara, não fôsse tão pouco nítida, aquelas falhas de organização e de espírito de disciplina, sem dúvida, não teriam ocorrido de forma tão brutal. Além disso é evidente que em certos casos atuou o espírito de classe, prevalecendo a influência antioperária, que assim contrariou, em plena campanha eleitoral, interêsses partidários. A ausência de muitos dos faltosos pode ser explicada assim.

São conhecidas as reações pessoais provocadas na própria Câmara pela não elaboração da lei antes do 1º de Maio. Sabe-se também que diante do fato consumado já se formou a convicção de que, não tendo ficado pronto o projeto na data desejada, deve-se aproveitar a oportunidade para melhorá-lo, em mais alguns dias de trabalho. Estas são as reações conhecidas. Há no entanto pessoas que não ocultam disposições de combate ao projeto. E' o caso dos srs. Carlos Pinto, do PSD, e Carlos Albuquerque, do PR. O primeiro já o declarou em aparte ao sr. Fernando Ferrari. O segundo manifesta sua posição em conversas. E' de esperar, além disso, que fôrças reacionárias aproveitem a oportunidade para trabalhar contra o projeto. Possivelmente criando dificuldades à sua elaboração ou procurando emendá-lo para pior.

Que fazer, diante de tudo isso? Parece-nos muito justa a disposição demonstrada pelas organizações operárias logo que se tornou claro o malôgro, quanto à elaboração da lei para o dia 1º de Maio. E' conhecida a sugestão de alguns dirigentes operários quanto ao levantamento dos nomes dos deputados que deixarem de comparecer à Câmara, provocando assim a falta de número para votação do projeto. Os trabalhadores paulistas, mineiros, riograndenses, baianos, pernambucanos, de qualquer recanto do Brasil, de qualquer Estado, Território ou Município, com efeito, precisam receber, através dos sindicatos ou quaisquer outras organizações ligadas à classe operária, os nomes dêsses faltosos. Depois, cada um que trate de explicar, se puder, as causas de sua omissão. São mais do que justificáveis estas e outras formas de pressão em tôrno dêsse caso. Não basta que os candidatos a postos eletivos, diante dos eleitores, façam bonitas promessas. Através dos fatos é que os homens e os partidos devem ser julgados.

A luta pela aprovação da Lei de Aposentadoria, em qualquer de suas fases de elaboração, é duplamente interessante. Além de objetivar a efetivação de uma conquista, submeterá a uma prova partidos e próceres políticos, em pleno começo da campanha que se liga às eleições de outubro próximo.

Mas é preciso igualmente que êsse projeto não sirva de pretexto para o congelamento da Lei de Previdência, que se encontra no Senado.

VIDA ECONÔMICA

DECADÊNCIA DO ALGODÃO E DO CACAU

Presenciamos atualmente uma crise do sistema de comércio exterior, que confere aos monopólios norte-americanos uma posição de virtual monopólio nas transações externas do Brasil. Funcionando sempre em prejuízo do nosso país, nos últimos tempos, a partir do ano passado mais precisamente, aquêle sistema não tem podido oferecer sequer um mínimo de estabilidade ao comércio exterior brasileiro.

Isto vem se patenteando de modo mais gritante no que se refere ao café, dada a excepcional importância dêste produto. Mas a verdade é que a situação de graves dificuldades se estende também a outros dois produtos de grande significação na economia nacional: o algodão e o cacau.

Em 1954, a exportação de algodão produziu 223,1 milhões de dólares, colocando-o, como vinha acontecendo nos anos anteriores, num sólido segundo lugar, logo após o café, entre os produtos de maior exportação. Eis, porém, os resultados das vendas externas de algodão, nos anos seguintes (em milhões de dólares): 1955 — 131,4; 1956 — 85,9; 1957 — 47,0 (estimativa).

Do 2º lugar, o algodão desceu para o 5º, na pauta da exportação. Queda absoluta e relativa. Verdadeiro descalabro.

Qual a causa?

Limitamo-nos a transcrever o que afirma a revista "Conjuntura Econômica", em sua edição de fevereiro último: "Começou êsse deterioramento com o "dumping" virtual dos produtores norte-americanos em 1955 e continuando depois, subvencionados pelo govêrno dos Estados Unidos, que lançaram no mercado mundial seus vultosos estoques, inclusive através de acordos contra pagamento a longo prazo, a exemplo do acôrdo do trigo feito com o Brasil. Em conseqüência disso, a produção entrou em declínio, agravando-se ainda com fatôres climáticos desfavoráveis, que influíram na predominância de tipos inferiores. Assim, a safra atual é de apenas 329 mil t. sobrando para exportação umas 100 mil sòmente, nível dos mais baixos nos últimos anos."

Está claro, portanto, que os Estados Unidos nos estão expulsando, com as mais baixas manobras de "dumping", do mercado internacional do algodão.

No que se refere ao cacau, eis os resultados que vem obtendo a sua exportação (em milhões de dólares): 1954 — 155,6; 1955 — 90,9; 1956 — 67,2; 1957 — 67,0 (estimativa).

Também aqui, como no caso do café, estamos numa verdadeira guerra comercial com as firmas importadoras norte-americanas, que são as maiores compradoras do cacau brasileiro.

Em maio do ano passado, ao iniciar-se a safra, o govêrno brasileiro fixou o preço mínimo interno de 300,00 por arrôba. A cotação internacional era, entretanto, equivalente a 250,00 por arrôba. As firmas norte-americanas responderam, quase cessando de comprar o cacau baiano, só recomeçando a fazê-lo, em grande escala, alguns meses depois, em virtude da alta dos preços do cacau africano.

A redução da receita proveniente do cacau, a partir de 1954, não se deve a uma diminuição no volume exportado, mas simplesmente à queda dos preços, manipulados pelas praças de Nova Iorque e Londres.

O que está se passando com o café, o algodão e o cacau é mais do que suficiente para conduzir à conclusão de que o Brasil necessita de uma reforma básica em seu comércio exterior.

Comentário Político

DOIS DISCURSOS, DUAS LINHAS

No dia 1º de maio dois chefes de Estado, dois presidentes, falaram ao povo, cada um a seu modo. Os seus discursos contrastam pelo conteúdo.

Um dêles foi o sr. Juscelino Kubitschek. Falando em Belo Horizonte o sr. Juscelino reeditou, de forma «melhorada» o seu discurso de Diamantina. Falando aos trabalhadores na sua data máxima, fê-lo de forma anacrônica, deitando provocação anticomunista como se estivesse nos tempos em que o fascismo estava em ascensão em todo o mundo capitalista. O discurso do presidente brasileiro constrata com a situação política reinante no país, com o estado de espírito das massas e de grandes setores das fôrças políticas mais influentes. Quando o ex-senador Luiz Carlos Prestes é festejado pelo povo e solicitado por personalidades interessadas na solução dos problemas que o nosso país enfrenta, conscientes de que para encontrar essa solução é de grande valia a opinião abalisada dos comunistas, o sr. Juscelino faz um discurso que o revela como um presidente fora da atualidade. Discurso que o coloca contra a maioria da nação e, por isso mesmo, está destinado a não ter repercussão alguma.

Muito outro foi o discurso do presidente Frondizi, da Argentina. Falando aos seus compatriotas no ato da sua posse, Frondizi foi coerente com a campanha eleitoral que realizou e com as sucessivas declarações que tem feito após a proclamação da sua eleição. Reafirmou a sua fé na democracia e na liberdade, fêz um chamamento ao povo a quem qualificou como o verdadeiro dono da nação que deve resolver sôbre todos os seus problemas. Chamando a atenção para o fato de que existem duas Américas, uma rica, a do norte, e outra pobre, a América Latina, Frondizi conclama todos os latino-americanos a lutarem pela eliminação da pobreza em que se debate esta última, a pugnarem pela sua independência e desenvolvimento.

Enquanto o presidente Frondizi eleva o prestígio do seu país no concêrto das nações latino-americanas, o sr. Juscelino Kubitschek prefere dar satisfação a meia dúzia de bispos fanatizados pelo ódio anticomunista e aos setores entreguistas, que fazem do anticomunismo a esfarrapada bandeira de suas provocações.

A linha política que tem futuro não é, porém, a do discurso de Belo Horizonte, mas a do discurso de Buenos Aires.

Prestes Aclamado em Caba Frio

O povo de Cabo Frio, no Estado do Rio, recebeu festivamente, domingo último, a visita de Luiz Carlos Prestes. Tôda a população daquela progressista cidade veio para a rua saudar aquêle, cuja vida tem sido inteiramente dedicada à luta pela emancipação econômica e política de nossa pátria e pela felicidade e bem-estar do nosso povo.

Acompanhado de sua filha Anita Leocádia e sua irmã Lígia, Luiz Carlos Prestes chegou a Araruama às 10.30 horas, tendo sido aí recebido por incalculável multidão.

Depois de ligeira parada na residência do sr. Joaquim Rosa, formou-se um cortejo de automóveis, dêle participando importantes personalidades locais e a comitiva vinda de Cabo Frio, ao seu encontro.

Ao entrar na ponte que dá acesso à cidade de Cabo Frio, girândolas de foguetes e tiros de morteiros saudaram o ex-senador carioca. A banda de música local abrilhantava as festividades, com a sua presença. A partir daí, enorme multidão aos gritos de "viva a democracia!", "viva Prestes!" e "viva o Brasil!", empurrou o carro em que viajava o líder comunista, até à Câmara.

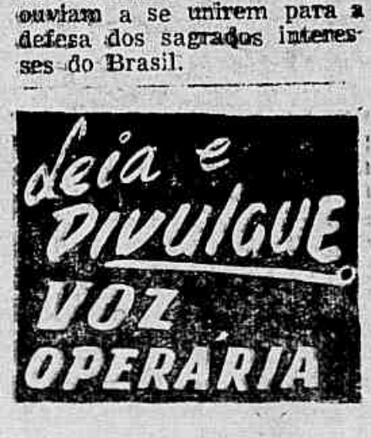
NA CÂMARA MUNICIPAL

Reunindo-se em sessão especial, a Câmara Municipal de Cabo Frio homenageou Luiz Carlos Prestes. Presentes à solenidade estavam personalidade dirigentes de partidos, líderes sindicais e grande assistência que superlotou todo o recinto e concentrou-se em frente ao edifício onde funciona o Legislativo local.

O primeiro orador a saudar Prestes foi o sr. Nicanor Pereira Couto, prefeito de Cabo Frio, manifestando a alegria do seu govêrno e dos seus munícipes, pela liberdade e a visita de Prestes. Falaram ainda os representantes do PTB e do PSP, em nome dos seus correligionários e o Presidente da Câmara em nome daquele Legislativo municipal.

Ao lhe ser dado a palavra, Prestes agradeceu as Moções aprovadas naquela casa em defesa da sua liberdade, bem como a manifestação que vinha de receber do povo cabofriense, fato que só é possível diante das conquistas democráticas obtidas pelo povo brasileiro. Falou da importância e da necessidade da união de todos os brasileiros para lutar contra o imperialismo americano, nosso inimigo comum.

Prestes ainda foi alvo de outras manifestações em sindicatos, associações de trabalhadores, clubes locais. Em tôdas estas manifestações, o líder comunista fêz questão de conclamar a todos que o ouviam a se unirem para a defesa dos sagrados interesses do Brasil.



Ingerência na Política Interna da Itália

Telegrama da United Press relata que as autoridades italianas tiveram de recorrer às tropas de choque de que dispõem para «salvar» um grupo de 67 paraquedistas norte-americanos da indignação popular. Os referidos militares, que integram as tropas norte-americanas da Alemanha Ocidental, achavam-se em Veneza, em gozo de férias. A indignação popular foi provocada por um gesto de acintosa ingerência nos assuntos internos da Itália: os paraquedistas ianques haviam derrubado e queimado um cartaz de propaganda eleitoral do Partido Comunista Italiano. A polícia italiana, em face dos protestos, colocou-os em um trem, enviando-os de volta à Alemanha.

Êsse incidente foi o segundo provocado por militares norte-americanos durante a atual campanha eleitoral italiana. Na véspera, um cabo das fôrças ianques estacionadas em Napoles fôra preso quando tentava serrar os suportes de um cartaz eleitoral comunista.

Tais fatos estão despertando viva repulsa na opinião pública italiana, independentemente de qualquer filiação político-partidária. E' a ingerência aberta das fôrças da OTAN nas questões de política interna do país, sintoma do desespêro dos imperialistas norte-americanos em face do prestígio crescente do Partido Comunista Italiano e da oposição crescente da maioria do povo italiano à política de guerra e de transformação da Itália em base de lançamento de foguetes atômicos dirigidos contra a União Soviética.

NAVIO NEGREIRO

Castro ALVES

N. R. — Em homenagem ao 70º aniversário da Abolição, reproduzimos, a seguir, um capítulo de um dos mais comoventes poemas de Castro Alves, cuja obra se identificou tão profundamente com a causa dos escravos.

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
se é loucura... se é verdade
tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
co'a esponja de tuas vagas
de teu manto êste borrão?...
Astros! noites! tempestades!
rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
que não encontram em vós
mais que o rir calmo da turba
que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrêla se cala,
se a vaga à pressa resvala
como um cúmplice fugaz,
perante a noite confusa...
dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
onde a terra esposa a luz,
onde vive em campo aberto
a tribu dos homens nus...
São os guerreiros ousados
que com os tigres mosqueados
combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
como Agar o foi também.
que sedentas, alquebradas,
de longe... bem longe vêm...
trazendo, com tíbios passos,
filhos e algemas nos braços,
n'alma — lágrimas e fel...
como Agar sofrendo tanto
que nem o leite do pranto
tem que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
das palmeiras no país,
nasceram — crianças lindas,
viveram — moças gentis...
Passa um dia a caravana,
quando a virgem na cabana
cisma da noite nos véus...
...Adeus, ó choça do monte!
...Adeus, palmeiras da fonte!...
...Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó,
Depois, no horizonte imenso,
desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sêde...
Ai! quanto infeliz que cede
e cai para não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
mas o chacal sôbre a areia
acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
a guerra, a caça ao leão,
o sono dormido à toa
sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
infecto, apertado, imundo,
tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
pelo arranco de um finado
e o baque de um corpo ao mar.

Ontem plena liberdade,
a vontade por poder...
Hoje... cum'lo de maldade,
nem são livres pra morrer...
Prende-os a mesma corrente
— férrea, lúgubre serpente —
nas rôscas da escravidão.
E assim, zombando da morte,
dança a lúgubre coorte
ao som do açoite... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
se eu deliro... ou se é verdade
tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, porque não apagas
co'a esponja de tuas vagas
do teu manto êste borrão?
Astros! noites! tempestadas!
rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

13 DE MAIO DE 1888

MARCO HISTORICO PARA A EMANCIPAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

O QUE FOI A LUTA PELA ABOLIÇÃO

Por MOTTA LIMA
(Especial para a VOZ OPERÁRIA)

Não poderíamos compreender a Abolição, limitando o movimento, já não digamos a um ato de benemerência da princêsa Isabel, mas também como pretendem alguns autores, ao ciclo da campanha que abalou o segundo reinado nas duas décadas anteriores à proclamação da República. Sem negar a significação dessa campanha e as lições dos dirigentes abolicionistas e das organizações que nela se integraram, temos de reconhecer esta realidade: a luta contra a escravidão confundiu-se com a própria história do trabalho escravo no Brasil.

Partiu a resistência, naturalmente, da massa escravizada. Primeiro, do índio. In... surgiu-se o índio obstinadamente contra o regime que lhe impunham, como aliás contra as demais formas de exploração do homem pelo homem. Através da guerra defensiva, sustentada pela tribo e individualmente também fu... tando-se ao eito, numa resistência passiva que vinha do mais íntimo de seu ser e culminava na notória angústia, a tristeza, a apatia, o acabrunhamento, a doença e por fim a morte precoce, o índio não se submeteu. E dessa oposição ao cativeiro generalizou-se a convicção de que não era o selvícola apto para o trabalho. Tiveram então os portuguêses, como os espanhóis, os inglêses e demais colonizadores da América de recorrer ao braço africano. Mas o negro, igualmente, não foi o instrumento dócil que a literatura pseudo-patriarcal apresenta, no quadro de um «paternalismo brasileiro», destinado a disfarçar o estigma que por mais de três séculos marcou a história de nosso país.

Até há bem pouco, as versões românticas e as tentativas de explicação científica, baseadas unilateralmente numa etnografia além do mais dogmática, arbitrária, falaram-nos apenas da indolência e outros defeitos atribuidos ao nosso aborígene, do sentimentalismo negro, da cupidez do branco e outras definições semelhantes.

Hoje, convenhamos, não é admissível a repetição de tais coisas. Oriente-se o estudo das lutas contra a escravidão para a economia política, e ver-se-á que o índio, arrancado brutalmente do comunismo primitivo, não suportaria um tipo diferente de relações de produção. Quase dois séculos depois da conquista, o padre Antônio Vieira dizia que os índios, pelo ócio, descanso e liberdade em que se criam não são capazes de aturar por muito tempo o trabalho em que os portuguêses os fazem servir, principalmente o das canas, engenhos e tabacos, sendo muitos os que por esta causa continuamente estão morrendo».

O africano, caído em cativeiro nas guerras de tribu contra tribu, negociado pelo vencedor com o português, o espanhol ou o inglês, era trazido pelo negreiro num estado de espírito de resistência. Cativo, sujeito a quem usava a fôrça das armas e por fim o poder do senhor na sociedade escravista, mantinha-se na atitude hostil que repontava a cada instante. Insubordinava-se individual e coletivamente. A crônica das repressões, incorporada à nossa literatura, nos dá o testemunho eloqüente. **Fugia** ao menor afrouxamento da vigilância de feitores e capitães do mato. **Resistia** à captura. Uniam-se dezenas, centenas, milhares de escravos fugidos, Organizavam-se em quilombos por toda parte, chegavam a constituir em vasto território e por um período de mais de sessenta anos o Quilombo dos Palmares.

Além daquela formidável experiência, chamada por seus maiores apologistas a Tróia Negra, foram muitos e alguns de importância manifesta, os núcleos em que os negros ofereceram resistência heróica, mantiveram-se em guerrilhas, preferindo, como o lendário Zumbi, o Ganga Zumba, a morte ao cativeiro. São famosas as insurreições negras de Minas, de Mato Grosso, da Bahia, do Nordeste e do Maranhão. Isolados, por suas questões próprias, inclusive na defesa do direito de praticarem sua religião, ou cooperando em movimentos gerais pela liberdade, como na Revolução dos Alfaiates, na Balaiada, na revolução pernambucana de 1817, na Revolução dos Farrapos e tantas outras conspirações e insurreições brasileiras, os negros lutaram bravamente enquanto durou a escravidão.

Não seria lícito esquecer, ainda, a contribuição dada por êles, criadores de nossa riqueza, nas minas, na agricultura, nos transportes, e na nossa maior e tão legítima guerra de resistência nacional. Henrique Dias foi o general das hostes negras que, ombro a ombro com os brasileiros de outras origens, enfrentaram o poderoso conquistador holandês e o atiraram ao mar.

Durante os sombrios tempos da colônia, sacudida por insurreições locais com obje-

(CONCLUI NA 11ª PAG)

Luiz Gama (1830-1882), filho de uma escrava baiana e vendido como escravo pelo próprio pai, conseguindo libertar-se, tornou-se, em São Paulo, notável advogado, jornalista e orador, um dos maiores campeões da causa abolicionista e republicana.

Significado Da Abolição

Comemorará todo o povo brasileiro, a 13 de maio próximo, o 70º aniversário do ato, que aboliu definitivamente a escravidão em nosso país. As comemorações recordarão uma das datas mais caras ao sentimento nacional e farão justiça a tantas figuras ilustres de nossa História, que se bateram pela extinção do vergonhoso instituto servil em terras brasileiras.

O decreto emancipador aprovado pelo parlamento imperial e sancionado pela princesa Isabel não foi, como propalam os historiadores oficiais, uma dádiva generosa da monarquia, mas o resultado culminante de uma longa campanha popular, que comoveu a nação até os alicerces.

Esta campanha pode-se dizer que se inicia com os próprios escravos. Os negros africanos, transportados como gado humano para o Brasil pelos traficantes portuguêses, procuraram reagir ao cruel domínio dos seus senhores, através de formas instintivas, elementares, e, às vêzes, reveladoras de elevado poder de organização. Os «quilombos», que existiram em vários pontos do país, e sobretudo o «quilombo» de Palmares, em Alagoas, a insurreição de escravos no Maranhão, por ocasião da balaiada, os sucessivos levantes e conspirações dos negros «malês» na Bahia, todos êstes foram episódios da resistência do escravo ao escravizador. Esta resistência constante e indomável socavava permanentemente a nefanda instituição servil.

Na segunda metade do século passado, a abolição se tornou, entretanto, uma questão não só dos negros, como de todo o povo brasileiro. Econômicamente, após a extinção do tráfico, em 1850, e em virtude de certo desenvolvimento das fôrças produtivas no país, a escravidão estava condenada a desaparecer. O número de escravos se reduzia de ano para ano. Mas os senhores de escravos, particularmente aqueles ligados à próspera lavoura cafeeira, procuravam prolongar ao máximo possível a existência do trabalho escravo.

Começaram, assim, já na década de 60, a surgir e proliferar sociedades abolicionistas, precursoras de um movimento popular, que atingiu as suas maiores proporções e se tornou irresistível na década de 80.

Este movimento se manifestou nos comícios e assembléias, na imprensa, na tribuna parlamentar, na literatura. Manifestou-se na fuga sistemática e organizada de escravos, que se praticou em São Paulo, com os célebres «caifazes» de Antônio Bento, e no nordeste, com os «jangadeiros da liberdade». Manifestou-se na atitude digna do exército, que se recusou ao infamante papel de "capitão do mato», de perseguidor dos negros que, aos milhares, abandonavam as senzalas.

A campanha abolicionista abarcou tudo o que havia de progressista no país. Dela participaram os operários, que desempenharam importante papel na organização da fuga de escravos em São Paulo. Os comerciantes e industriais se empenharam ativamente na campanha. Uma contribuição verdadeiramente excepcional foi a das mulheres patriotas. Os estudantes e os melhores escritores e jornalistas brasileiros se colocaram à frente do abolicionismo. E mesmo elementos esclarecidos da classe dos latifundiários souberam compreender que o fim da escravidão era, não só inexorável, como necessário ao progresso do país.

A Abolição foi um passo importantíssimo em nossa História. Não concluiu, porém, o processo de emancipação nacional e social do povo brasileiro. A Abolição deu aos negros direitos civis e políticos, porém não lhes deu a terra, como clamava um ilustre descendente da raça negra, André Rebouças. A reforma agrária, que significa acesso à terra para todos os camponeses continua na ordem do dia. A libertação do jugo imperialista norte-americano se apresenta como a torefa dominante para a nação brasileira. Estas são causas que requerem a amplitude e o vigor que a luta de massas alcançou na campanha da Abolição.

José do Patrocínio (1854-1905), descendente da raça negra, foi um brilhante jornalista e um dos dirigentes destacados do movimento abolicionista.

A PROPOSITO DO 13 DE MAIO

ASTROJILDO PEREIRA

O MOVIMENTO abolicionista, que teve o seu desfêcho legal no decreto de 13 de Maio de 1888, só pode ser bem compreendido quando o examinamos em seus múltiplos aspectos. O movimento propriamente dito foi precedido por uma série de fatôres históricos — que poderiamos datar dos primeiros quilombos, já no século XVI — e se desenvolveu, até à vitória final, sôbre a base de condições objetivas inelutáveis. Isto ainda não foi suficientemente estudado entre nós, e é no entanto o aspecto mais importante da história do abolicionismo.

Como estou fazendo apenas um pequeno artigo comemorativo do 70º aniversário do 13 de Maio, limito-me à formulação de algumas breves indicações sobre o assunto. Mas aproveito a oportunidade para chamar a atenção dos estudiosos, sobretudo os estudiosos de formação marxista, para a necessidade de uma análise aprofundada do problema da escravidão no Brasil, coisa ainda por fazer e no entanto indispensável ao esclarecimento da verdadeira história social, política e econômica do país.

Se não estou enganado, a extinção do tráfico, em 1850, assinalou o momento histórico, definido legalmente, a partir do qual o trabalho escravo passou a ser um entrave crescente ao desenvolvimento da economia brasileira. A lei do ventre livre, em 1871, marcou outra etapa na marcha das fôrças progressistas que iam derrubando os entraves opostos à liquidação do regime escravista. Na década de 80 a campanha entrou na reta final, com ímpetos irresistíveis.

Era já impossível esconder, mascarar ou escamotear a realidade de uma situação cada dia mais aguda e mais clara. Veja-se o que escrevia o «Jornal do Comércio», órgão conservador, tradicional portavoz das classes dominantes, em seu Retrospecto político do ano de 1882:

«Entre os esforços com que a lavoura vai buscando tirar-se das suas grandes dificuldades devem ser contados na primeira linha os que se dirigem à substituição do braço escravo, instrumento agonisante que não pode mais oferecer ao trabalho senão provisório concurso. Não só inúteis mas perigosíssimas seriam vãs precauções de linguagem para disfarçar o que todos estamos apreciando. A escravidão caminha aceleradamente para o exílio das instituições que encheram o seu tempo. E' impossível manter por dilatados anos êste equilíbrio de ruínas que cada dia deixa cair uma pedra. Estamos assistindo às exéquias da escravidão.» (Jornal do Comércio de 11-2-1883).

Dêsse mesmo ano data o livro O Abolicionismo *de Joaquim Nabuco, no qual se dizia que os chefes do movimento se investiam de semelhante mandato — «como homens políticos, por motivos políticos, e assim representamos os escravos e os* ingênuos *na qualidade de brasileiros que julgam o seu título de cidadão diminuido enquanto houver brasileiros escravos, isto é, no interêsse de todo o país e no nosso próprio interêsse.»*

Na mesma página em que deixou assim definido o caráter nacional do movimento, escrevia ainda Nabuco, e agora com uma lúcida compreensão dialética do problema, que — «a emancipação não significa tão-sòmente o têrmo da injustiça de que o escravo é mártir, mas também a eliminação simultânea dos dois tipos contrários, e no fundo os mesmos: o escravo e o senhor.»

A liquidação da escravidão tornara-se uma necessidade histórica objetiva, já amadurecida na consciência nacional. O 13 de Maio seria o seu desenlace festivo — e tão festivo que o povo o recebeu não só com flôres de retórica mas também com flôres de verdade.

PROBLEMAS de NOSSA POLÍTICA

CARACTERÍSTICAS DA RETRÓGRADA ESTRUTURA TRADICIONAL

Em nossa edição passada, examinamos um dos traços característicos da estrutura econômica, que o Brasil herdou do passado: a agricultura baseada no latifúndio e nas relações precapitalistas de trabalho.

Continuamos a analisar os demais traços fundamentais daquela estrutura.

2 — predomínio da produção agropecuária no conjunto da produção — No cálculo da renda nacional, por exemplo, ainda em 1948, a agricultura contribuiu com 28,4% e a indústria com 21,6%. Se em 1955, a parte da indústria se elevou a 23,2%, a remuneração agropecuária alcançou 29,8%. Embora em 56 tenha caído para 26,6%, em 57 chegou a 28,1%.

Tomemos ainda a composição da mão-de-obra ocupada. Em 1950 observava-se ainda uma forte predominância das atividades primárias isto é, agricultura e indústria extrativas, que abrangiam 75% do emprêgo total, sôbre as indústrias de transformação, os serviços e o comércio.

E' conhecida também a subutilização dos recursos naturais disponíveis, seja pela deficiência em bens de equipamento e técnica produtiva, seja pelos impedimentos impostos direta ou indiretamente pelos monopólios imperialistas (sucedeu assim com o petróleo, energia elétrica, minérios, etc.). Em verdade ainda estão por ser utilizados intensamente os nossos recursos naturais disponíveis, como, por exemplo, o potencial de minérios (metálicos ou não, como ferro, manganês, bauxita, fertilizantes, etc.), as reservas hidráulicas, combustíveis (petróleo, carvão, fisseis), de solos, da flora, da pesca, etc.

Comparando-se, por exemplo, em percentagens, o suprimento de energia, por vários combustíveis, em 1940, entre o Brasil e os Estados Unidos, temos o seguinte quadro: carvão mineral, 11,2% e 48,4%; petróleo, 19,5% e 30,1% e carvão vegetal, 71,4% e 1,8%; energia elétrica, 7,0% e 9,4%; gaz natural, 0,9% e 10,3%. Naquela época, portanto, o nosso suprimento de energia tinha por base a lenha e o carvão vegetal.

3 — exportação de produtos agrícolas como eixo da tôda a vida econômica — Manuel Alves Branco, que foi ministro da fazenda do Império e a quem se devem as primeiras tarifas alfandegárias visando a estimular as atividades industriais, já mostrava a importância que representaria para a economia brasileira a menor dependência face a exportação de produtos primários, tão sujeitos a oscilações na tonelagem e nos preços. São passados mais de cem anos e a economia brasileira — apesar de seu considerável ritmo de desenvolvimento industrial — continua grandemente subordinada à maior ou menor tonelagem exportada de café, algodão e cacau, bem como às flutuações dos seus preços nos mercados internacionais. Através da história, a percentagem global dêsses três produtos nas nossas exportações foi a seguinte: 56% no decênio de 1851/1860; 67% no de 1881/1890; 56% no de 1901 a 1910; e 68% no ano de 1930. Em 1933, sòmente o café representava 48,5% da tonelagem e 73,1% do valor no total das nossas exportações.

A composição das nossas exportações foi e ainda é baseada em produtos agrícolas (café, cacau, etc.), produtos agro-industriais (açúcar) e matérias-primas não elaboradas ou semi-elaboradas (algodão, madeiras, minérios, etc.). Mesmo em 1943, que foi considerado o melhor ano para as exportações industriais, a composição das nossas exportações, segundo o Boletim do Conselho Federal do Comércio Exterior, nº 7, foi a seguinte: "Na exportação a classe predominante foi a dos gêneros alimentícios, com cêrca de 48%, representando as matérias-primas 32% e as manufaturas pouco mais de 20%". Onze anos depois, em 1954, o café, cacau e algodão contribuiam com 1.306,8 milhões de dólares para uma receita total na exportação de 1.561,8 milhões de dólares. E' certo que em 1957 alterou-se substancialmente a estrutura das nossas exportações, não ficando mais o cacau e o algodão como principais produtos logo após o café. Acima dêles colocaram-se o pinho serrado e o minério de ferro. Os nossos produtos de exportação, porêm, ainda foram os seguintes em ordem de importância: café, pinho serrado, minério de ferro, cacau, algodão, açúcar, minério de manganês e cêra de carnaúba. Apesar dessas alterações, o café, cacau e algodão contribuiram ainda com 68,2% do valor total das exportações, sobrelevando-se o café com 61%.

Mesmo que as nossas exportações participassem com pequena percentagem na composição da renda nacional, ainda seria um fator de instabilidade econômica a circunstância de que os nossos recursos cambiais proviessem, quase exclusivamente, da venda de produtos primários. A realidade, porém, é que, embora decrescente, a contribuição das nossas exportações à renda nacional ainda varia entre 10 e 13%. As oscilações na tonelagem e no valor dêsses produtos primários de exportação, o que aliás é muito comum, repercutem de imediato em tôdas as atividades econômicas do país. Uma depressão nas exportações reduz os recursos cambiais e reflete-se negativamente na indústria, no comércio, na moeda, no sistema bancário e nas finanças públicas.

4 — dependência da economia nacional em relação ao estrangeiro, através do comércio exterior e da penetração do capital monopolista nos postos-chave da produção e circulação de mercadorias. — Já vimos que o nosso comércio de exportação ainda hoje contribui com uma porcentagem que varia entre 10 e 13% na composição da renda nacional, sendo que no passado essa contribuição era muito maior. Além disso, não só dependemos da importação de matérias-primas essenciais e de máquinas, aparelhos, ferramentas e utensílios diversos, mas também de matérias-primas não essenciais, de manufaturas não essenciais e ainda certa quantidade de gêneros alimentícios. Em 1928, por exemplo, numa importação no valor de 35.919.000 libras-ouro, as máquinas, aparelhos, ferramentas e utensílios diversos totalizaram ..... 7.634.000 libras-ouro, enquanto os gêneros alimentícios alcançaram 5.653.000 libras-ouro. Ainda em 1957, para uma importação de 1.242,4 milhões de dólares, tivemos que dispender 228,1 milhões em gêneros alimentícios e 724,4 milhões em manufaturas, enquanto se gastaram 430,3 milhões em máquinas, veículos, pertences e acessórios.

Nesse terreno do comércio de exportação e de importação, é sabido o papel nefasto que desempenham as firmas monopolistas estrangeiras, particularmente norte-americanas. São grandes firmas norte-americanas, como a Anderson Clayton, American Coffee, Sanbra, etc., que controlam os nossos principais produtos de exportação como o café e o algodão. Monopólios estrangeiros, especialmente ianques, controlam a indústria moageira de trigo e a indústria de carne. O imperialismo continua a dominar posições-chave da indústria, em ramos, como energia elétrica, artefatos de borracha, química, eletrônica, cimento, etc. Os investimentos diretos norte-americanos aumentaram de 193,6 milhões de dólares, em 1929, para 1.107,0 milhões de dólares em 1955. Cêrca de 60% dos financiamentos estrangeiros procedem dos Estados Unidos. As remessas de lucros dos investimentos estrangeiros são verdadeiramente fabulosas, somando, por exemplo, entre 47/54, mais de 400 milhões de dólares, sem falar nos reinvestimentos de lucros. Ainda há pouco o deputado Fernando Ferrari, líder do P.T.B., denunciava à nação que "anualmente o povo brasileiro contribui com um volume de mais ou menos metade do orçamento geral da República para os cofres dos grupos monopolistas estrangeiros".

A dependência da economia nacional aos monopólios imperialistas, particularmente norte-americanos, representa, portanto, um pesadíssimo tributo à nação.

Tais são as características essenciais da estrutura econômica que herdamos do passado. Essa estrutura econômica atrasada não ficou historicamente imóvel e imutável. Ao contrário, nela se produziram importantes modificações. E' o que veremos a seguir.

Notas BIOGRÁFICAS

JON GHEORGHE MAURER PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA NACIONAL DA RUMÂNIA

Ion Gheorghe Maurer, presidente da Assembléia Nacional da Rumânia, passou há dias pelo Rio, com destino à Buenos Aires. Chefiava a delegação rumena à posse do presidente eleito da Argentina, sr. Arturo Frondizi.

O camarada Maurer nasceu em 1902 em Bucarest, filho de um professor de colégios secundários. Em 1923 diplomou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Bucarest.

Maurer pertence à intelectualidade rumena estreitamente ligada ao povo. Desde o início de sua atividade social atuou ininterruptamente e com grande abnegação contra o regime latifundiário-burguês que dominava a Rumânia. Em 1936 ingressou no Partido Comunista Rumeno. Empenhou-se ativamente na luta contra a fascistização do seu país e contra a guerra injusta desencadeada contra a União Soviética. Foi prêso e confinado por alguns anos num campo de concentração.

Libertada a Rumânia, *o camarada Maurer* ***realizou um grande trabalho pela restauração e fomento da economia nacional. De 1944 a 1946*** *desempenhou as funções* ***de vice-ministro de Comunicações. Em 1946*** *foi designado* ***vice-ministro da Economia Nacional,*** *ficando nêste pôsto* ***até 1947.***

No 1º Congresso do Partido Operário Rumeno, em 1948, *o camarada Ion Gheorghe Maurer foi eleito membro do* ***Comitê Central. De 1948 a 1951,*** *o camarada Maurer desempenhou particularmente funções de direção no Partido. Ao mesmo tempo, porém, desenvolveu importante trabalho científico à frente do Instituto de Estudos Jurídicos.*

Em 1956 o camarada Maurer foi eleito membro da Academia Rumena de Ciências. Nas várias legislaturas tem sido eleito deputado à Grande Assembléia Nacional. Em julho de 1957 foi nomeado ministro das Relações Exteriores. Em janeiro do presente ano foi eleito presidente da Grande Assembléia Nacional da República Popular Rumena.

VIDA dos Partidos COMUNISTAS e OPERÁRIOS

CONGRESSO DO P.C. AUSTRALIANO

No dia 4 de abril último instalou-se, em Sydney, o 18º Congresso Nacional do P.C. da Austrália. Dêste conclave participaram delegados de todos os Estados dirigentes de uniões sindicais oficiais, intelectuais, trabalhadores profissionais, operários de várias profissões, fazendeiros, mulheres e jovens.

Abrindo o Congresso, o camarada Roder Dixon, presidente do Partido, disse que os comunistas australianos se reuniam numa situação favorável, caracterizada pelo rápido crescimento do mundo socialista. Considerou a última decisão do Soviet em suspender os testes nucleares como um sputnik diplomático».

Entre as palavras-de-ordem do Congresso destacavam-se: Exigimos conversações entre as potências. Pelo desarmamento e proibição das armas nucleares, fora os imperialistas da Indonésia, Pela derrota do govêrno Menzies.

O Congresso recebeu mensagem do P.C.U.S., do P.C. Chinês e de muitos outros partidos irmãos.

APÊLO DO P.C. JAPONÊS

O C. C. Japonês lançou um manifesto conclamando o povo japonês a unir suas fôrças a fim de, nas próximas eleições gerais, derrubar o govêrno Kishi e terminar com o atual poder reacionário.

O manifesto exorta o povo japonês a agir imediatamente para alcançar a vitória nas eleições gerais.

Na próxima campanha eleitoral, diz o manifesto, o P.C. Japonês não poupará esforços para assegurar o aumento do número de cadeiras comunistas na Dieta e a vitória das fôrças democráticas. O P. C. Japonês lutará pelo estabelecimento de um govêrno democrático, bem como pela mudança da direção política do Japão no sentido da independência, da paz e da prosperidade. O P.C.J. esforçar-se-á para que seja vitoriosa a causa dos que lutam contra a guerra atômica e pela realização da coexistência pacífica entre os países de todo o mundo.

Para alcançar tais aspirações imediatas do povo japonês, continua o manifesto, é necessário que os partidos comunista e socialista se dêem as mãos a fim de que seja estabelecida uma frente única de tôdas as fôrças democráticas. Para fortalecer a frente única, acrescenta o manifesto, é importante fortalecer a vanguarda da classe operária — o Partido Comunista Japonês — e aumentar sua representação na Dieta.

Concluindo, o manifesto conclama o povo japonês a desenvolver ações imediatas para alcançar a vitória nas eleições gerais e dar apoio ao Partido Comunista Japonês.

COMUNISTAS INDONÉSIOS DENUNCIAM SEATO E KUOMINTANG

O último pleno do C. C. do P. C. Indonésio adotou unânimemente uma resolução expressando o seu apoio à Declaração e ao Manifesto da Paz, lançado pelos Partidos Comunistas e Operários, em Moscou, em novembro do ano passado.

A resolução do C. C. do P. C. Indonésio, que foi publicada pelo HARIAN RAKJAT, determina que os comitês de todos os escalões, as bases, os membros e candidatos a membro estudem os dois importantes documentos, expliquem-nos às massas e tomem-nos como ensinamentos práticos na luta pela independência nacional, pela democracia, pela paz e pelo socialismo.

O pleno do C. C. aprovou outra resolução saudando a suspensão unilateral pela União Soviética das provas com armas nucleares. Esta resolução acentua que a decisão soviética comprova a sinceridade da União Soviética ao lutar pela paz mundial. Apela para que o govêrno da Indonésia e todo o povo indonésio apóiem a decisão soviética. Conclui dizendo que é preciso que os Estados Unidos e a Inglaterra sigam a conduta soviética e paralisem imediatamente as experiências com armas nucleares.

Em resoluções referentes a outros problemas, o pleno do C. C. do P. C. Indonésio frisa que a organização agressiva S.E.A.T.O. mantém estreitas relações com os rebeldes indonésios. Apelou para que tôdas as pessoas amantes da paz tomem parte ativa na luta pela dissolução dêste bloco militar. A resolução afirma que a liquidação do Kuomintang de Chiang Kai Chek tem importância fundamental na luta pela eliminação dos contra-revolucionários e das camarilhas subversivas ainda existentes na Ásia. Tornam-se necessárias medidas firmes, positivas e rápidas contra os elementos de Chiang Kai-shek, é o que acentua o C. C. do P. C. Indonésio.

Constou também da ordem-do-dia do pleno do C. C. um informe do Secretário Geral Adjunto, Camarada Lukman, sôbre as eleições parlamentares de 1959, sendo adotada uma resolução sôbre a preparação do Partido para a campanha eleitoral.

O pleno do C. C. decidiu, finalmente, que as suas resoluções fôssem entregues ao Presidente da República, ao Primeiro Ministro e ao Ministro da Defesa, por uma delegação composta de três dirigentes do Partido — camaradas Aidit, Lukman e Njoto.

GRANDE AUMENTO DA INFLUÊNCIA DOS COMUNISTAS INDIANOS

JUSTA VALORIZAÇÃO DAS PARTICULARIDADES NACIONAIS — O CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO DO PARTIDO

Já noticiamos a realização do Congresso Extraordinário do P.C. Indiano. Voltamos a fazê-lo para tratar de alguns aspectos novos que reputamos de interêsse.

Constou da ordem-do-dia do Congresso uma resolução política preparada pelo Comitê Central, uma proposta de modificações dos Estatutos do Partido e a eleição dos órgãos centrais de direção. O Congresso ampliou bastante o número de membros do Conselho Nacional, do Comitê Executivo Central e do Secretariado.

Uma experiência importante do P.C. Indiano é o seu particular esfôrço para se integrar na vida do povo indiano, tendo em conta sua cultura e tradições milenares. Assim, por exemplo, o Congresso Extraordinário se realizou em Amritsar, cidade santa dos Sikhs, seita panteista que rejeita o sistema de castas, prega a pureza da vida e a tolerância. No início do Congresso, os delegados foram ao Jallianwala Bagh e deixaram coroas em honra aos mártires da histórica luta anti-britânica. Realizou-se o encerramento do Congresso no Dia de Ano Novo do Calendário Indiano, celebrando-se, então, festivamente e em estilo tradicional. Essa compreensão crescente dos comunistas da psicologia das populações da Índia tem se refletido num grande aumento do prestígio do Partido e na multiplicação de suas fileiras.

De eleição para eleição cresce a votação do Partido Comunista, tendo passado de 6 milhões em 1951 para 12 milhões em 1957. No último pleito para o Conselho Municipal de Nova Delhi, por exemplo, dominado até agora pelo Partido do Congresso, das 80 cadeiras os comunistas conquistaram oito e o Partido Independente, que é aliado do Partido Comunista, conquistou 14. Já é fato conhecido a conquista da governança

(1º PAG)

Trabalhadores Mobilizam-se Pela Aposentadoria Integral

FÔRÇAS GOLPISTAS EXPLORAM A FRAQUEZA DO PARLAMENTO — INCONSISTÊNCIA DOS ARGUMENTOS CONTRA A LEI

Os trabalhadores não tiveram, para o dia 1º de maio, a lei de aposentadoria integral, como lhes havia sido prometido. A maioria dos deputados, inclusive alguns líderes de bancada, abandonaram a Câmara nos dias decisivos, provocando a falta de "quorum" e frustrando, assim, as esperanças dos que aguardavam o cumprimento das promessas do presidente e do vice-presidente da República.

E' fora de dúvida que há fôrças interessadas em impedir a aprovação da lei. Falando à imprensa, o sr. João Goulart, disse serem essas fôrças as mesmas que levaram Getúlio Vargas ao suicídio e, que, agora, às vésperas de eleições, procuram impedir a aprovação da lei de aposentadoria, a fim de incompatibilizá-lo com os trabalhadores.

As fôrças golpistas, que jamais fizeram algo em favor dos trabalhadores, apresentam-se agora como seus amigos, enquanto, ao mesmo tempo, procuram sabotar a aprovação da lei. O objetivo é o de criar um clima de agitação entre as massas trabalhadoras, preparando um ambiente propício às aventuras mais suspeitas, às vésperas das eleições.

Na campanha para atingir os seus excusos objetivos essas fôrças procuram lançar a confusão no seio das massas trabalhadoras. Ora dizem que a lei é um engôdo, ora que ela irá levar os Institutos à falência.

Alegam que a lei é um engido, porque, exigindo do trabalhador 55 anos de idade e 30 de serviço, para poder aposentar-se, praticamente não terá aplicação, em virtude de serem muito poucos os trabalhadores que conseguirão reunir essas duas condições.

Aceitar esta tese, seria, sob o pretexto de que os trabalhadores merecem coisa melhor, impedir que conquistem a reivindicação que é agora possível. Pela lei vigente, a aposentadoria não é integral e só é concedida por invalidês ou doença. Estabelecendo um limite de idade e de serviço, a nova lei registra, de qualquer forma, uma melhoria importante nesse terreno.

Por outro lado, também não procedem as alegações de que, trazendo um encargo financeiro muito grande para os Institutos, a aprovação da lei levaria êstes à falência.

Em primeiro lugar, porque, vivendo os trabalhadores brasileiros, infelizmente, muito pouco, não haverá nenhuma avalanche de aposentados. Segundo dados do último senso efetuado pelo IBGE, divulgados pela imprensa, havia, na ocasião, no país, sòmente ... 35.186 trabalhadores com mais de 55 anos de idade. A média de vida do trabalhador brasileiro é de 42 anos, no nordeste é de 39. Uma categoria profissional tão numerosa como é a dos bancários, que já estão no gôzo do direito a aposentadoria integral, conta com pouco mais de 200 aposentados, nas condições da nova lei.

Ademais, a própria lei a ser aprovada estabelece o aumento de 1% nas contribuições dos trabalhadores, dos patrões e do Estado aos Institutos, a fim de fazer frente às despesas que a aposentadoria acarretará.

Outras formas, ainda, haveria de colocar os Institutos em condições de atender aos novos compromissos, que advirão com a aprovação da lei. Uma delas seria a regularização das contribuições do Estado aos mesmos. Outra seria a transformação dos Institutos em órgãos completamente a serviço dos trabalhadores, entregando a êstes a sua administração, como prevê o Projeto de Reforma da Lei Orgânica da Previdência Social [illegible] nas casas do parlamento.

Já no dia 1º de maio, os trabalhadores começaram a manifestar o seu descontentamento pela não aprovação da lei de aposentadoria. Líderes sindicais vêm lançando o seu protesto. No Distrito Federal, uma assembléia de dirigentes dos sindicatos dos trabalhadores na indústria, sob o patrocínio da C.N.T.I., resolveu convocar uma grande concentração em frente ao Catete no dia 13 do corrente mês.

Sob a pressão dos trabalhadores e dos seus sindicatos, os líderes dos principais partidos políticos, responsáveis pela não aprovação da lei dentro do prazo prometido, estão telegrafando aos deputados que se encontram fora do Rio, a fim de que se apresentem para dar número e aprovar a lei.

Os trabalhadores estão alertas contra a sabotagem que está sendo movida à lei de aposentadoria. Unidos dentro das suas organizações, mais uma vez levarão de vencida os seus inimigos.

Sesquicentenário de Osório

IMPORTANTES e significativas cerimônias cívico-militares reverenciam a memória do Marechal Osório. Em todo o país comemora-se solenemente o sesquicentenário do seu nascimento.

Manuel Luiz Osório nasceu a 10 de maio de 1808 no Rio Grande do Sul. Ingressou nas fileiras do exército, como voluntário, aos 15 anos. Alferes aos 16 anos, daí até ao generalato e às posições políticas, como senador, Osório foi sempre uma figura liberal e democrática.

Êsse insigne soldado impôs-se pela coragem e pela decisão, pela responsabilidade de seus atos e pelo desprendimento. Além de bravo foi um militar capaz. Ao afirmar que «na guerra se deve sempre calcular o pior», Osório nos ensina uma importante regra de estratégia e de tática.

Osório foi não apenas uma figura legendária de soldado, mas sobretudo um democrata. Participando da vida política do país, foi um dos vultos marcantes do Partido Liberal, enquanto Caxias destacou-se como figura de relêvo nos meios mais conservadores. E' célebre a sua proclamação aos soldados, na guera do Paraguai: «E' fácil comandar homens livres». Osório acenava para a conquista da liberdade pelos soldados sôbre os quais ainda pesava a condição de escravos.

As atitudes independentes de Osório, como soldado e cidadão, são um exemplo vivo de um democrata e patriota. Bem o caracteriza a seguinte frase, que podemos tomar como precioso legado: «A data mais feliz da minha vida seria aquela em que me dessem a notícia de que os povos civilizados festejavam a sua confraternização, queimando os seus arsenais».

O seu exemplo de bravura e modéstia, de bondade e abnegação fazem com que a Osório seja devotada uma particular admiração por todos os patriotas brasileiros.

Comemorações Do Primeiro de Maio

As comemorações do 1º de Maio revestiram-se êste ano de uma característica especial: constituiram principalmente um protesto contra o não cumprimento, por parte do parlamento, da solene promessa de sancionar e transformar em lei o projeto que concede aposentadoria aos 55 anos de idade e aos 35 anos de serviço.

Êsse fato empanou o brilho das solenidades programadas anteriormente pelas organizações sindicais e impediu que fôsse maior o júbilo dos trabalhadores.

CONCENTRAÇÃO EM VOLTA REDONDA

Patrocinada pelas confederações nacionais, realizou-se na manhã do dia 1º uma grande sessão sindical na sede do Sindicato dos Têxteis do Rio de Janeiro. Com os salões superlotados, reunindo alguns milhares de operários de tôdas as categorias profissionais, falaram aos trabalhadores representantes da CNTI, dos metalúrgicos cariocas e outros. Falou também, em nome do Sr. João Goulart, o Sr. Crockatt de Sá, constantemente interrompido por apartes e críticas acerbas aos deputados trabalhistas, que não deram quorum na sessão da Câmara de Deputados em que devia ser votado o projeto de aposentadoria.

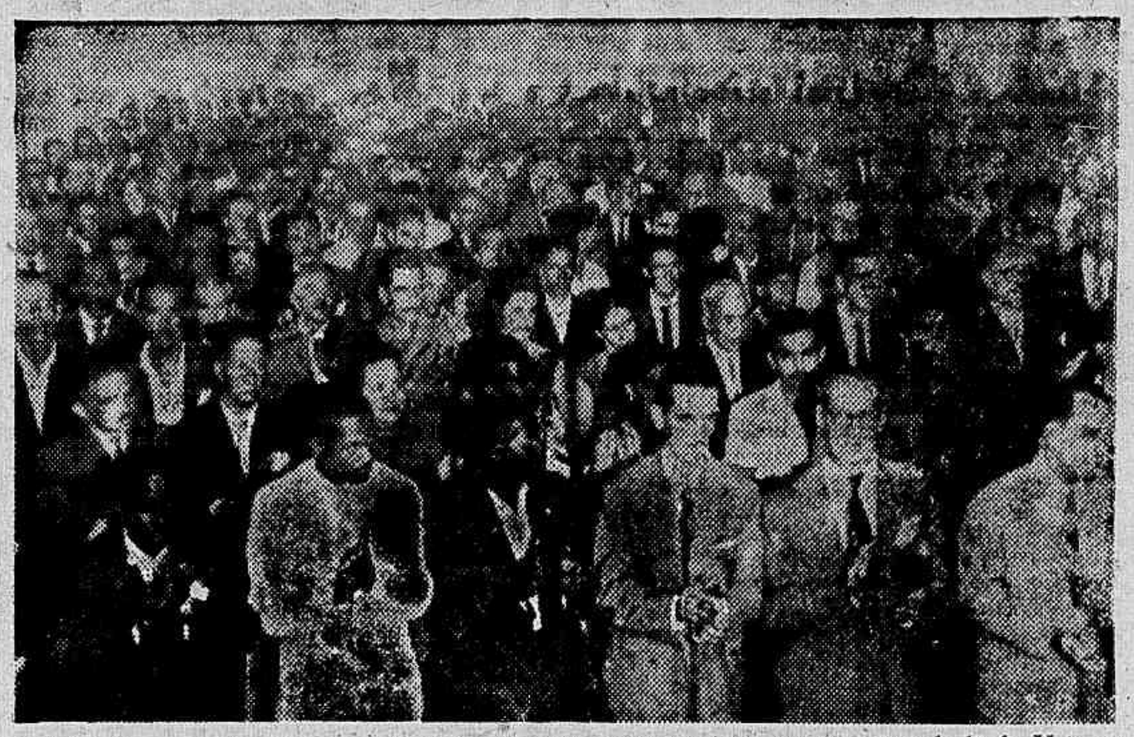
Dali partiu uma grande caravana para a Cidade do Aço, onde se deveria realizar um ato público e uma visita à C.S.N. Conduzindo suas bandeiras sindicais, mais de mil representantes dos trabalhadores cariocas iriam juntar-se a seus companheiros do Estado do Rio, para juntos festejarem o 1º de maio.

Em São Paulo, reuniram-se os trabalhadores no Teatro Municipal, fazendo-se ouvir vários oradores. Um extenso programa de festividades foi realizado, em vários bairros da capital.

Também no Rio Grande do Sul, Paraná, Amazonas e Pará, na Bahia — reuniram-se os trabalhadores, em tôrno de suas organizações sindicais para comemorar sua data máxima.

Sr. Giacomo Adduci, (no centro) representante da F.S.M. aos festejos de Primeiro de Maio em São Paulo, quando falava à imprensa bandeirante

O Cine Avenida, de Volta Redonda foi pequeno para conter os milhares de trabalhadores que desejavam assistir a solenidade ali realizada, por ocasião do Primeiro de Maio



O clichê fixa parte da numerosa assistência que esteve presente ao ato comemorativo do 1º de Maio, na sede do Sindicato dos Têxteis desta capital

☆

Em Bangu, promovido pela fábrica de tecidos, local, realizou-se um imponente desfile comemorativo ao Dia Internacional dos Trabalhadores. A secção de eletricidade daquela indústria compareceu ao desfile, encabeçada pelo carro alegórico visto no clichê acima

☆

Flagelo Cruel Assola o Polígono da Sêca

OS FLAGELADOS SÃO SUBMETIDOS A DESUMANA EXPLORAÇÃO POR PARTE DE CERTOS POLITICOS — ROUBO NOS SALÁRIOS DOS CAMPONESES QUE TRABALHAM NAS OBRAS — CRESCE O ÊXODO PARA O SUL E PARA O «INFERNO VERDE» — VENDIDOS COMO GADO, NOS «PAUS-DE-ARARA» — OS SINDICATOS E AS ORGANIZAÇÕES POPULARES DEVEM INTERVIR

Reportagem de José LEANDRO

Já está constatado por todos os observadores que a sêca, que êste ano assola o nordeste, é sem precedentes. Nunca se havia registrado uma sêca total em todos os pontos do polígono. Há vários municípios onde não caiu um só pingo de chuva. Na região do Cariri, houve 4 ou 5 municípios onde caíram algumas chuvas, não dando, entretanto, para segurar a safra da lavoura plantada, que está totalmente perdida.

Nas sêcas anteriores, chovia bastante no litoral, segurando parte da safra do milho e do feijão. A pecuária só era atingida pela fome, do mês de outubro em diante, quando começavam os métodos de reação por meio de derrubada de ramas altas, do mandacarú, etc. Êste ano não houve pastagem, a pecuária já está sentenciada ao exterminio total, imediatamente, se não houver providências urgentes do Govêrno para socorrê-la.

A Fome Atinge a Todos os Camponeses

Os camponeses, nas outras sêcas, não eram atingidos, na sua totalidade, pela fome como êste ano. Desta vez estão incluidos no batalhão dos flagelados: os moradores (meeiros), assalariados agrícolas, arrenlatários, posseiros e pequenos proprietários.

Todos êstes estão nas estrada engrossando o batalhão dos flagelados? Na última sêca, o maior número de pessoas alistadas nas obras de combate aos efeitos da sêca foi de 40 mil flagelados. Êste ano o número de inscritos ja sobe a 140.000.

Um fato novo em relação às outras sêcas, é o de que os camponeses estão mais educados politicamente. A repetição do fenômeno levou-o a compreender que rezar e esmolar a caridade pública, em nada minorava sua situação. Agora não querem, os flagelados, morrer de fome sem luta. Assim é que levas e levas de fagelados, em grupos sempre superiores a mil, marcham incorporados para as cidades, e procuram os prefeitos e outras autoridades municipais, para reivindicar emprêgo e comida. Mais de 50 cidades já foram ocupadas pelos flagelados.

Políticos Aproveitam-se da Miséria dos Flagelados

Políticos desalmados procuram fazer com a sêca negócios rendosos. Diàriamente, os jornais de Fortaeza denunciam que certas facções politicas se aproveitam do prestigio junto ao govêrno Federal, e se julgam donos da bola, procurando dar preferências àqueles que rezam pela sua cartilha. Os emprêgos de feitores, apontadores, administradores etc. são para os cabos eleitorais dêsses políticos. Apesar das ordens do Presidente da República para empregar todos os flagelados que pedirem emprêgo nas obras de combate à sêca, ainda existem mais de 30 mil flagelados desempregados. Sòmente na cidade de Juazeiro do Norte há 10 mil desempregados, concentrados, pedindo socorros ao prefeito, querendo comida e trabalho.

Os flagelados não fazem desordens, sentem-se humilhados quando são caluniados de assaltarem estabelecimentos. O que se diz sôbre isto, é exploração de políticos que tentam criar uma situação de alarme, para conseguir a repressão aos flagelados. O governador Paulo Sarasate, não tem consentido que os flagelados sejam maltratados pela policia, e sempre que pode, atende com recursos de emergência, até que venha o socorro do govêrno federal.

Os Camponeses são Roubados em seus Salários

Há uma exploração desumana contra os flagelados. Os encarregados pela assistência os flagelados com trabalho nas obras de emegência, consentem que sejam descontados nos minguados salários dos camponeses uma percentagem de 20 por cento sem se saber para que êsse desconto injustificável. Desta forma, estão sendo descontados diàriamente um total de mais de um milhão de cruzeiros, isto é, oito cruzeiros de cada flagelado por dia. O salário é, por si, irrisório: Cr$ 40,00 sujeito ao desconto.

Os preços são exorbitantes. Já se registrou o preço de Cr$ 100,00 por quilo de charque nas concentrações de flagelados e Cr$ 2,00 por uma caixa de fósforo. O próprio Presidente da República constatou a seriedade do problema. Têm chegado alguns gêneros por avião, que serve bem para propaganda do govêrno, mas o que é necessário no momento é de comboios de navios com gêneros, tudo mais de que necessitam os flagelados para não morrer de fome.

Essas explorações não podem continuar. O sr Presidente da República pode e deve tomar sérias providências para evitá-las. Os jornais de Fortaleza denunciam diàriamente, que são exigidos dos flagelados titulo de eleitor para se alistarem nas obras e exigido o compromisso de votarem com os chefes pessedistas, o que é uma exploração criminosa.

Há uma tendência para deixarem os flagelados se deslocarem de suas residências, para só darem emprêgo distante, 10, 12 e até 20 léguas de suas moradias, forçando o deslocamento de famílias pelas estradas, coisa que pode e deve ser evitada com o atendimento de trabalho a todos em seus próprios distritos, onde moram. E' preciso ser respeitada a lei no que se refere ao salário, pagando aos flagelados pelo menos o salário-mínimo do Ceará que é de Cr$ 60,00 diários, respeitando-se ainda o repouso semanal remunerado. Não estão os flagelados pedindo exorbitâncias, mas que lhes sejam pagos os salários de acôrdo com a lei.

Providências a Serem Tomadas

E' preciso que sejam instalados postos da COAP nas construções para evitar a carestia, a exploração nos fornecimentos. Tôdas as organizações de classe do Estado têm chamado por justiça para os flagelados; o Pacto de Unidade dos Trabalhadores já se dirigiu à I Conferência Nacional Sindical, solicitando o apoio dos trabalhadores brasileiros na defesa dos flagelados; a Federação das Associações de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Ceará, tem desenvolvido suas atividades na defesa dos flagelados, enviando seus diretores para observarem como estão tratando os flagelados, protestando contra as injustiças, pedindo medidas de correção às irregularidades. A FALTAC lançou um manifesto dirigido aos Governos Federal e Estadual contendo as principais reivindicações dos flagelados.

As irregularidades existentes podem ser corrigidas. A prova disto é que, até o momento, não se teve notícias de nenhuma dessas vergonhosas explorações, nas obras que estão entregues ao Batalhão Feroviário sediado em Crateus, que se encarrega da construção de estradas de rodagem, de fero, e de açudes. Se o Batalhão pode dirigir êstes trabalhos sem consentir a exploração, nem as intervenções de políticos, é certo que os engenheiros civis também o podem, desde que sejam proibidas estas explorações pelo Govêrno, e fiscalizadas por uma Comissão Interpartidária, na qual tomem parte elementos da classe operária (dos sindicatos) e dos camponeses (de suas entidades como a FALTAC) com poderes de fazer denúncias e pedir a punição dos responsáveis pelos irregularidades cometidas. São justas as medidas tomadas pelo Govêrno JK, autorizando o alistamento de todos os flagelados para se empregarem bem como a recomendação de providências para atender o problema da alimentação. Entretanto, as ordens não estão sendo cumpridas a contento.

Cresce o Exodo

Pelos dados que nos foram apresentados, verifica-se que o total de migrações por via marítima, se elevou a 2.000 pessoas, em apenas 10 dias o que sem dúvida evidencia o perigo iminente de despovoamento do Estado trazendo consigo, conseqüências as mais graves para a economia da região. De acôrdo com as informações por nós recebidas, embarcaram rumo ao "inferno verde", na primeira quinzena de março, nada menos de 1.923 flagelados, sendo 1.215 por conta do INIC e o restante (708), por conta própria. No navio Itaité seguiram com destino a Belém, 194 flagelados, por conta própria, e 236 por conta do INIC.

O exodo não para. Os flagelados, principalmente os situados em zonas que não forám contempladas com os serviços do govêrno, não têm outra alternativa, senão vender seu pequeno pedaço de terra por um pouco mais ou menos ao latifundiário e partir para o sul ou para a Amazônia, na vã esperança de melhores dias. Fomos informados que outros navios estão sendo esperados em breve e que voltarão com carregamentos de flagelados.

Flagelados São Vendidos Por Cabeça, como Gado

Enquanto por via maritima verifica-se em tão poucos dias número tão elevado de migrações, por via rodoviária a situação não é para menos. Quase diàriamente partem de Fortaleza os chamados "paus de arara" com destino ao sul do país, carregados de flagelados, que, diga-se de passagem são miseràvelmente explorados chegando até mesmo a serem vendidos por cabeças, justamente como se fazia com os antigos escravos.

Liu Shao-Chi, Chu En-lai e outros membros do Bureau Político do Comitê Central do Partido Comunista da China, quando eram recebidos pelos delegados à Terceira Sessão do Congresso Nacional da Juventude, a 13 de abril (Foto da Agência HSINHUA).

O QUE FOI A LUTA PELA ABOLIÇÃO

(Conclusão da Pag. Central)

tivos diversos, os negros lutaram sòsinhos. Só em 1817 a abolição constou do programa revolucionário. Deve-se assinalar, também, o projeto de lei que José Bonifácio, o patriarca da independência, chegou a elaborar na primeira Constituinte, não o apresentando, entretanto, em face do ato imperial de dissolução. Joaquim Nabuco pergunta se a posição de José Bonifácio, pela extinção completa da escravidão, não teria contribuído para o encerramento de sua carreira política. A sociedade dominada pelos escravocratas não permitia tais manifestações. No entanto as próprias ações dos escravos e em especial, as fugas em massa, que desorganizavam a lavoura canavieira e açucareira, não deixando de comover a opinião foram levantando o problema. Os países capitalistas mais desenvolvidos, à frente a Inglaterra, condenavam o trabalho servil. Ele barateava a mão de obra em certos ramos da produção e ao mesmo tempo aviltava o poder aquisitivo dos mercados. Fizeram os inglêses a campanha contra o tráfico. O Brasil sentiu-se isolado, por ser, num atraso sob todos os pontos de vista lamentável um dos últimos países do mundo tido então como civilizado a conservar a escravidão.

Sob a pressão exterior e dada a repercussão nos círculos políticos e culturais do país, votou-se em 1851 a lei proibindo o tráfico. Não traríamos daí por diante escravos da África. Atribui-se a êsse primeiro passo, de cunho reformista, na caminhada para a total Abolição, um mérito.Capitais que já não podiam ser empregados na compra de negros inverteram-se em outras atividades. São os primórdios de um capitalismo que, embora incipiente, irá sentir suas próprias necessidades, entre as quais a de braços «livres» para o mercado do salariato. Êsse ato parcial influiria para o surgimento de novos abolicionistas.

Durante a guerra do Paraguai, quando era prometida o alforria aos escravos que lutassem como voluntários, sobretudo ao seu término, havendo o conde D'Eu, em nome do govêrno brasileiro, decretado a extinção da escravidão no país ocupado, a causa abolicionista aflorou de novo. E os senhores de escravos tiveram de chegar a outra concessão: a lei do Ventre Livre, de 1871. Essa lei, porém, não satisfazia. Chamava-se sòmente a atenção do país para a injustiça social. De sorte que não podemos menosprezar o novo avanço pacífico. Na década de 70, não por acaso, o movimento começa a ganhar a nação e toma corpo, em uma série de pequenas organizações por todo o país, mais tarde reunidas na Confederação Abolicionista. A primeira manifestação pela abolição total, e imediata, no parlamento, tantos anos depois da de José Bonifácio, foi a do deputado baiano Jerônimo Sodré, a 2 de setembro de 1880.

A imprensa teve um papel decisivo nessa formação para a batalha final, jornais como a «Gazeta da Tarde», no Rio, e tantos e tantos por tôdas as províncias, criaram a consciência nacional contra a escravidão. As fraudes contra a lei do Ventre Livre provocavam protestos.

A poesia de Castro Alves ganhava combatentes para a nobre luta. Diante da burla de que estava resultando a promessa da emancipação gradual, o senador Benedito Otoni condenava o próprio sistema, nesta apóstrofe: «Reputo isto uma vergonha nacional».

Nova concessão reformista, visando deter os reclamos gerais, foi a lei que libertava os sexagenários, de 1885. Mas os pallativos não podiam conciliar a opinião nacional com os escravocratas. A campanha atingia a níveis mais altos. Estudantes e comerciários, os heróicos militantes dos grêmios caixeirais, estavam a serviço da libertação do negro a todo preço: auxiliavam-no nas fugas em massa. Províncias como a do Amazonas e do Ceará decretavam a Abolição em seu território, onde os escravos fugidos passavam a ter um asilo legal.

Em desespêro de causa, os escravocratas apelaram para as fôrças armadas. Queriam fazer do Exército um bando de capitães do mato. Só a tropa de linha — argumentavam — poderia restabelecer o respeito à propriedade, reduzindo e castigando os grandes quilombos que se generalizavam um dos quais o de Cubatão, engrossava e assumia as proporções, quase, de um novo Palmares. A nação, entretanto, voltava-se cada vez mais para a pregação de André Rebouças, Luiz Gama, José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, José Mariano e Rui Barbosa. E, como sempre visceralmente unido ao seu povo e à sua pátria, o Exército tomou posição. O Clube Militar, sob ma -- a liberdade é o maior Constant, dirige-se em representação à princesa regente. «Senhora — proclama — a liberdade é o maior bem que possuimos sôbre a terra: uma vez violado o direito que tem a personalidade de agir, o homem para reconquistá-la é capaz de tudo». E, mais adiante: «É impossível, pois Senhora, esmagar a alma humana que quer ser livre». Solicitava que o govêrno imperial não desviasse oficiais e praças de sua nobre missão. Não se interpretasse seu ato como desobediência, mas não aceitavam os oficiais o papel de caçadores de escravos».

Nessa atmosfera, o projeto de lei de João Alfredo, apresentado a 8 de maio de 1888, foi aprovado por 83 votos contra 9 e, enviado ao Senado no dia 11, daí saiu no dia seguinte para ser sancionado pela princesa Isabel a 13 de maio. Era uma vitória sem par. As próprias fôrças políticas das classes dominantes atendiam ao imperativo nacional. E aquela votação nos mostra que não foi o trono, com a oposição dos partidos, que libertou os escravos. O trono apenas sancionou a resolução quase unânime do Parlamento coroando a campanha abolicionista.

Surgem e Crescem As Sociedades de Amigos dos...

(CONCLUSÃO DA PAG. 12)

ses pessoais, a atividade inescrupulosa de políticos ou de outros elementos que visam proveitos particulares, prejudique o seu desenvolvimento.

Quase que diàriamente, no Distrito Federal, estão sendo fundadas novas sociedades por cidadãos confiantes em resolver os problemas inadiáveis dos bairros em que moram. Por outro lado já vem sendo planejada uma assembléia de dirigentes de tôdas as sociedades já existentes, para discutir planos de uma luta em comum a fim de encontrar a solução para problemas que afligem a cidade no seu todo e que não têm merecido a atenção das autoridades municipais. Isso abre o caminho para um estreitamento de relações entre essas organizações, facilitando a troca de opiniões sôbre a orientação que deverão seguir.

As sociedades amigas dos bairros, além de organizações de luta pela solução dos problemas que assoberbam a cidade, são de grande utilidade como escola de civismo e de prática da democracia pelos cidadãos. A sua multiplicação é necessária, não só nos bairros da Capital Federal, mas também nos de tôdas as cidades do Brasil.

A Alternativa Democrática e Os Comunistas

(CONCLUSÃO DA PÁG. 4)

De 7 de junho de 1953 até hoje o valor da situação parlamentar e política residiu ao contrário e sobretudo numa mobilidade maior em certo sentido. Permitiu impedir que os métodos do govêrno policial de Scelba se transformassem em regime permanente; permitiu obter certos êxitos constitucionais políticos e legislativos; obrigou no entanto o partido dominante, se não sempre, ao menos algumas vezes, a ceder às justas reivindicações do movimento operário e democrático, e a descobrir seu jôgo, o que torna mais clara tôda a luta. Após cêrca de cinco anos de resistência ao cumprimento de uma decisão parlamentar inequívoca, foram forçados à decisão de desligar as emprêsas do Estado do bloco do grande capital industrial monopolista, o que deveria constituir a premissa de uma vasta ação de reforma econômica. A tentativa de enterrar a "justa causa» nos contratos agrários não pôde, igualmente, obter êxito. A tenacidade com a qual o partido da democracia cristã permanece ligado ao bloco das fôrças dirigentes da economia capitalista atual não permitiu aumentar as possibilidades para uma alternativa democrática; no entanto, as condições que se deve realisar para criar e realisar uma alternativa democrática tornaram-se bastante evidentes.

Nosso VIII Congresso fixou como objetivo do movimento, — de que somos sem dúvida alguma uma das forpas princípais, — a constituição de um govêrno democrático das classes trabalhadoras. Êsse objetivo permanece e os resultados das eleições tornarão mais claras as condições em que deveremos agir posteriormente para constituí-lo. Todos compreendem ser necessário sobretudo impedir à democracia cristã de obter a maioria absoluta e ser necessário que suas posições se enfraqueçam sensivelmente. Aliás, por diversos lados tende-se a êsse objetivo e com fins diferentes. Os liberais e uma parte do grande capital monopolista procuram atingir êsse fim com o objetivo de deslocar o eixo da política governamental, — mais ainda do que já se realizou até o presente, — no sentido da conservação e defesa absoluta do regime capitalista atual. Os monarquistas e os fascistas agem por objetivos análogos e mesmo mais claramente reacionários. A defesa do Estado e de suas instituições contra a ingerência arrogante e ameaçadora das autoridades clericais leva à resistência, por outro lado, grupos democráticos distantes de nós e a respeito dos quais não se pode deixar de lembrar que sua colaboração com o govêrno da democracia cristã é uma das causas da grave situação atual em que se encontram as relações entre a Igreja e o Estado.

Para nós, no momento em que começa uma campanha eleitoral que pode determinar profundas modificações políticas, êsses pontos relativos ao programa pelos quais lutamos desde a queda do fascismo continuam a ter valor essencial e decisivo. Expressam a necessidade de profundas modificações da estrutura econômica e política na indústria, nas relações de classe e de propriedade, no campo, no regime do Estado, nas relações entre o Sul e o resto da Itália, na finalidade de tornar estável o regime democrático, de tornar a democracia algo efetivo para todos os trabalhadoras, de quebrar o poder dos grandes monopólios capitalistas, de avançar no sentido de um regime de justiça social conforme é previsto por nossa Constituição. Essa é a substância do programa traçado por nosso VIII Congresso. A classe dirigente atual é a expressão de uma aliança múltipla cujas fôrças dirigentes são, de um lado, a grande propriedade capitalista e, de outro, as hierarquias da igreja católica. Essa aliança não será desfeita a menos que se lhe oponha um movimento unitário das classes trabalhadoras, tão amplo e tão profundo que consiga impor suas reivindicações econômicas na batalha eleitoral para atingir um volvimento desse movimento é o fato de que a pressão exercida sôbre as massas católicas pelo partido democrata cristão e as organizações clericais-eclesiásticas impede as massas católicas de representar, na situação do país, papel democrático positivo. E' por isso, aliás, que a grande propriedade capitalista se serve, para governar, do partido da democracia cristã e por isso também que um revês eleitoral desse partido terá consequências favoráveis para a causa da democracia e para todo o movimento dos operários, dos camponeses e da classe média trabalhadora.

Empenhamos, portanto, tôdas nossas forças na batalha eleitoral para atingir um objetivo que é sequência e desenvolvimento daquilo que obtivemos em 1953. Queremos que continue aberto o caminho para um fortalecimento e um progresso pacífico da democracia, através da luta dos trabalhadores por objeticos indicados em nossa Constituição, no sentido de um novo regime ecomômico e social. É por isso que, contra o bloco atual do govêrno conservador, clerical e reacionário, em face das contradições e posições incertas das fôrças intermediárias, ainda não libertas das cadeias do anticomunismo que até hoje as tem transformado em instrumento do monopólio político da democracia cristã, representamos a verdadeira alternativa democrática, a fôrça que pode impedir que a situação italiana se precipite num regime de exploração capitalista e de opressão clerical mais intensas, do qual a nossa libertação poderia tornar-se impossível sem comoções violentas.

GRANDE AUMENTO...

(CONCLUSAO DA 8ª PAG)

do Estado de Kêrala pelos comunistas, que ali se caracterizaram pelo seu trabalho abnegado e cotidiano entre as massas. Depois das eleições gerais do ano passado o "Delhi Times" disse dos comunistas indianos: Os comunistas são homens que se misturam às massas nas estradas e nos campos. A poeira dos caminhos e o lôdo dos arrozais os têm forjado. Êles poderão cometer alguns erros — mesmo erros graves — mas ninguém poderá negar seu patriotismo e seu amor ao povo".

Do Congresso Extraordinário do P.C.I., que acaba de se realizar, participaram 600 delegados. O P.C. Indiano conta atualmente com 250 mil membros, mas seu crescimento vem aumentando de mês a mês nos últimos tempos. Assim, por exemplo, no mês passado, em Uttar Pradesh, Estado natal de Nehru, dois mil membros do Partido do Congresso ingressaram no Partido Comunista.

O "National Herald" escreveu, na véspera do Congresso, que "o P. C. I., indubitàvelmente, cresceu em tamanho e influência desde o Congresso Palghat". Constatou que o Partido, além de poder no Estado de Kêrala, era o chefe da oposição em dois outros estados e constituia o mais numeroso grupo de oposição no parlamento.

INEVITÁVEL A DERROTA DA...

(CONCLUSÃO DA 4ª PAG.)

Socialista do Japão. No entanto, nada disso fizeram. Aqueles que acusam o presente gabinete de ser inconstitucional ainda gostam de ser nomeados como embaixadores ou para outros cargos importantes. Querem que o atual govêrno os promova no exército e continuem a ser membros de um parlamento que apoia o gabinete de Karya.

PERGUNTA: — O senhor julga que o bloqueio econômico e naval das áreas rebeldes terá êxito e esmagará a influência rebelde na área?

RESPOSTA: — Julgo que o êxito será decisivo, e será facilitado se os países estrangeiros que mantêm relações diplomáticas com a República da Indonésia não permitirem que os rebeldes utilizem os navios sob sua bandeira. Penso que já é tempo do govêrno indonésio advertir os países cujas bandeiras estão sendo usadas por navios que transportam contrabando.

PERGUNTA: — Acha que a campanha patriótica para a libertação de Irian Ocidental tenha sido posta de lado em virtude dos acontecimentos na Sumatra Central?

RESPOSTA: — Julgo que um dos objetivos principais dos rebeldes ao proclamarem o que está sendo chamado de «govêrno revolucionário da República da Indonésia» não é mais do que o de desviar a atenção do govêrno da luta por Irian Ocidental. No entanto também aqui os rebeldes fracassaram porque o povo descobriu muito rápidamente o que se ocultava atrás de suas criminosas intenções. O espírito entusiástico do povo e a mobilização de todas as fôrças da República da Indonésia para esmagar os rebeldes significa ao mesmo tempo multiplicar a fôrça e a vigilância do povo na luta pela liberdade de Irian Ocidental.

KARL MARX

(Conclusão na 3a. Pág.)

chegava às vêzes aos ataques pessoais mais furiosos e mais absurdos em *Herr Vogt*. Mantendo-se à margem dos círculos de emigrados, Marx elaborou, numa série de trabalhos históricos, sua teoria materialista, aplicada sobretudo à economia política.

A época do recrudescimento dos movimentos democráticos, do fim da década 1850-1860, chamou Marx ao trabalho prático. Foi, em 28 de setembro de 1864 que se fundou, em Londres, a Primeira Internacional, a Associação Internacional dos Trabalhadores. Marx foi a sua alma, e igualmente o autor do seu primeiro apêlo e de um grande número de resoluções, declarações e manifestos. Agrupando o movimento operário de diversos países, procurando orientar, pela via comum da atividade, as diferentes formas do socialismo não proletário, pré-marxista (Mazzini, Proudon, Bakunin, o trade-unionismo liberal inglês, as oscilações para a direita dos lassallianos, na Alemanha, etc.) combatendo as teorias de tôdas as seitas e escolas, Marx forjou uma tática única para a luta proletária da classe operária nos diferentes países. Depois da queda da Comuna de Paris (1871), sôbre a qual Marx, na "Guerra Civil em França", se pronunciou em têrmos tão penetrantes, felizes e brilhantes, como revolucionário, como homem de ação, e depois da cisão da Internacional, por obra dos bakuninistas, ela não pôde subsistir na Europa. Em seguida ao Congresso de 1872, em Haia, Marx conseguiu a transferência do Conselho Geral para Nova Iorque. A Primeira Internacional tinha cumprido sua missão histórica e cedia lugar a uma época de desenvolvimento incomparável do movimento operário em todos os países — época de seu desenvolvimento em amplitude, com a formação de partidos operários socialistas de massas nos limites dos diversos Estados Nacionais.

A intensa atividade na Internacional e seus trabalhos teóricos, que lhe exigiam esforços ainda maiores, afetam a saúde de Marx. Continuou sua obra de transformação da economia política e a finalização de *O Capital*, acumulando num volume quantidades imensas de documentos novos e estudando várias línguas (o russo, por exemplo). Mas a moléstia o impediu de terminar êste seu livro.

A 2 de dezembro de 1881, faleceu sua espôsa. A 14 de março de 1883, morreu plàcidamente em sua poltrona. Foi enterrado, com sua mulher e sua devotada empregada, Helena Demuth, que se tinha tornado quase que um membro da família, no cemitério de Highgate, em Londres.

VOZ OPERÁRIA

O

Mário Alves

MATRIZ:
Av. Rio Branco 257 17º and. s/ 1.712 - Tel. 42-3344

ASSINATURAS

Anual	150.00
Semestral	80.00
Trimestral	50.00
Núm. avulso	3.00
Núm. atrasado	5.00

Aérea ou sob registro, despesas à parte:

DA PRÓPRIA INICIATIVA DAS MASSAS

SURGEM E CRESCEM AS SOCIEDADES DE AMIGOS DOS BAIRROS CARIOCAS

ALI, ONDE FRACASSAM AS AUTORIDADES, O POVO SE ORGANIZA E REALIZA AS COISAS POR SUAS PRÓPRIAS MÃOS — LUTA POR ESCOLAS, POR POSTOS SANITÁRIOS E OUTRAS REIVINDICAÇÕES — O FUTURO DAS ASSOCIAÇÕES

REPORTAGEM DE LUIZ GHILARDINI

Nos últimos tempos vêm ganhando notoriedade, no Rio, as sociedades amigas dos bairros, que surgem e se organizam em tôdas as partes da cidade. A idéia da sua organização não é nova. Algumas já existem desde 1945. Agora, porém, estão adquirindo um impulso sem precedentes. A sociedade mais recente de que temos notícia é a SATI (Sociedade dos Amigos da Tijuca), fundada no dia 3 do corrente mês. O descalabro a que chegou o govêrno da cidade, incapaz de solucionar os problemas básicos do bem-estar social, desde o magno problema do ensino, até os da coleta do lixo, da falta de água, da conservação das vias públicas, policiamento, etc., está conduzindo a que os moradores dos bairros, preocupados com a situação, se organizem em busca de solução para as dificuldades de tôda sorte, que surgem e se agravam. As sociedades amigas dos bairros assim surgidas, se fortalecem e se desenvolvem à medida que, com a sua atividade, contribuem para a melhoria das condições em que vive a população. Tomando conhecimento dos problemas exigem da Prefeitura as providências necessárias ao interêsse público e, em alguns casos, como veremos adiante, substituem completamente a instituição governamental, arrecadando os precisos financeiros indispensáveis e providenciando material e mão-de-obra para a realização de melhoramentos considerados inadiáveis.

COMISSÃO PERMANENTE DOS PROBLEMAS DO LEME

A Comissão Permanente dos Problemas do Leme existe desde 1953. Dela fazem parte conhecidas personalidades, como o compositor Ari Barroso, o Dr. Luiz Jatobá e outras. Tem como presidente de honra o Ministro Maurício de Medeiros. No seu programa atual de reivindicações, a Comissão se propõe conseguir para o bairro, entre outras coisas, uma agência do correio, a construção de uma praça com "play-ground" para as crianças do bairro, a volta à circulação do lotação Sta. Alexandrina-Leme, a construção de uma escola e de um cinema — bairro com cêrca de 60 mil habitantes o Leme possui apenas um pequeno cinema e um teatrinho — e a instalação de pôsto de Assistência Médico Social.

De acôrdo com isto, a Comissão se divide em subcomissões para cada uma dessas reivindicações. Assim há uma subcomissão da Agência do Correio, uma subcomissão do Cinema, outra de Assistência Médico Social, etc. Entre as reivindicações já conquistadas figura a instalação de um pôsto de Serviço de Alimentação do Ministério da Saúde para distribuição de leite em pó às crianças pobres do bairro. Conseguiu da Prefeitura a desapropriação de terreno e uma verba para a construção da escola. A agência do correio também está em vias de ser instalada. A Comissão criou o seu próprio órgão de imprensa que se intitula "Tribuna do Leme" e mantém um programa de rádio semanal, aos sábados, numa das emissoras da cidade.

A ASALEME

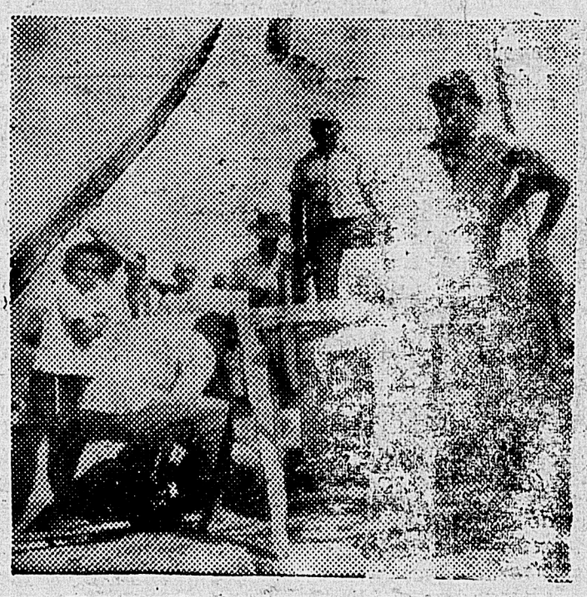
A ASALEME surgiu por iniciativa de alguns cidadãos preocupados com os estragos que o mar vinha fazendo na praia do Leme e a princípio chamou-se "Associação dos Preocupados do Leme". Transformou-se, depois, numa associação permanente, a Associação dos Amigos do Leme, e, assim como a sua congênere, existente no mesmo bairro, tem um programa de reivindicações. Já conseguiu melhor policiamento para o quarteirão das boates, a melhora da coleta do lixo, o terreno para a construção de uma escola e o material necessário ao seu funcionamento. Para inculcar hábitos higiênicos à população, principalmente dos morros, vem promovendo a realização de palestras e a exibição de filmes educativos, a cargo do Serviço Nacional de Educação Sanitária.

A ASALEME pleiteia, agora, a construção de fossas, nos morros, pelo Serviço de Endemias Rurais, a instalação de uma linha de ônibus do Leme à Esplanada do Castelo, o apressamento da inauguração das linhas de ônibus elétricos, etc.

Embora tendo como presidente "Honoris Causa" o Embaixador Negrão de Lima, prefeito da cidade, os membros da ASALEME, numa alusão, talvez involuntária, ao desgoverno que de fato existe no Rio, criaram ali o cargo de prefeito e todo um secretariado, elegendo os seus respectivos titulares. Assim, além de um prefeito, a ASALEME possui secretário de obras públicas, secretário do pessoal, secretário de Iluminação pública e os seguintes diretores: de Educação e Cultura, de Assistência e Saúde, de Imprensa e Propaganda, de Ordem Social e de Diversões e Recreação, além de uma Técnica de Educação.

NO IPANEMA E NA URCA

As demais associações também têm o seu programa de reivindicações. A S.A.C.I. (Sociedade dos Amigos de Copacabana e Ipanema), por exemplo, se propõe restaurar em Copacabana o ambiente propício a torná-lo habitável para famílias. Nesse sentido, a Sociedade move uma campanha para acabar com os "inferninhos" (bares onde a juventude se inicia na prática dos vícios) e com o "trottoir" das prostitutas nas vias públicas. Pretende ainda realizar um vasto programa de atividades culturais e esportivas, promover excursões para a juventude etc.



Membros da Associação consertam a sé... para a sua entidad...

A S.A.B.U. (Sociedade dos Amigos do Bairro da Urca), além da luta pelas reivindicações mais comuns, ante o fato de que o bairro está transformado em campo aberto às atividades de tôda sorte de delinqüentes, sem que as autoridades competentes tomem qualquer providência, procura criar a sua própria polícia para garantir a segurança dos moradores nas ruas e nos cafés. Esta Sociedade procura utilizar em benefício do bairro inclusive as damas do "café society". Assim, para dirigente do Departamento Feminino da Sociedade foi eleita uma das dez mais elegantes do ano.

Na Zona Norte não é menor a iniciativa popular. Os moradores dos Subúrbios, ante o criminoso abandono em que se encontram, por parte dos poderes públicos, também procuram organizar-se para solucionar os seus problemas.

A ASSOCIAÇÃO PRÓ-MELHORAMENTOS DO JARDIM STO. ANTÔNIO

A Associação pró-Melhoramentos do Jardim Santo Antônio, na Zona de Deodoro, surgiu tendo como centro a luta pela instalação da rêde de iluminação para as 700 residências do bairro. Uma comissão de moradores que vinha se interessando pelo assunto, em abril de 1957, ampliou-se com novos elementos, transformando-se na referida Associação. Na luta pela instalação da rêde de iluminação, a Associação percorreu inùtilmente tôdas as instâncias, desde a presidência da República, a Light e até o último funcionário da Prefeitura. A última palavra dada foi de que a rêde não poderia ser instalada por falta de verba. Convencidos de que estavam abandonados à sua própria sorte, os moradores, reunidos na sua Associação, resolveram cotizar-se para conseguir os recursos indispensáveis à realização da obra. Foram contratados os serviços de um banco para efetuar a arrecadação das cotas. A quantia de 1 milhão de cruzeiros, correspondente ao custo da rêde de iluminação, já foi entregue à Light a qual deverá, agora, providenciar a sua instalação.

Mas, no decorrer desta luta, que dura há mais de um ano, a Associação passou a interessar-se também por outros problemas, que afligem os moradores do bairro. Tanto êstes como os trabalhadores das emprêsas Sidney Ross e Eternite sofriam o suplício de aguardar a condução, na Av. das Bandeiras, sob o sol causticante ou sob a chuva, segundo o tempo reinante. A Diretoria da Associação dirigiu-se ao DNER solicitando a construção de abrigos. A resposta foi a já conhecida — não há verbas. Em vista disso, a Diretoria apelou para os moradores e para as emprêsas referidas. A Sidney Ross doou a madeira e a Eternite as telhas, os moradores entraram com a mão-de-obra. Assim construiram dois abrigos que foram doados à municipalidade. O emplacamento de todas as ruas do bairro, foi outra das melhorias realizadas.

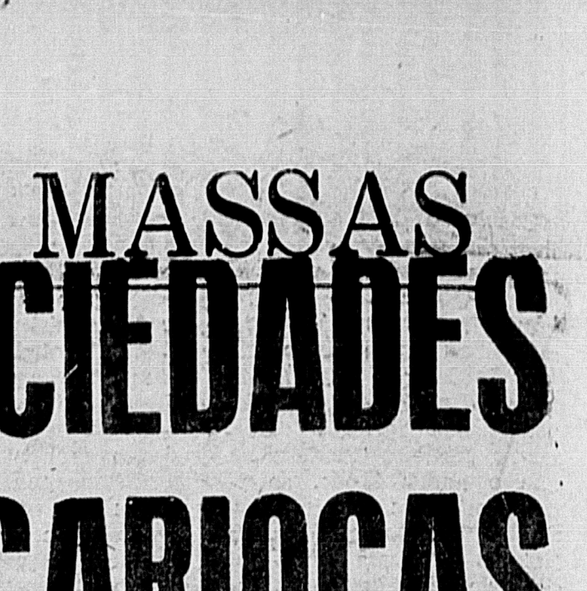
Ao mesmo tempo a Associação cuidou das suas próprias instalações. Adquiriu terreno, material para construção e, com o trabalho dominical dos moradores — todos ajudam, mesmo os que não são associados, está construindo a sua sede própria na qual pretende fazer funcionar a primeira escola de alfabetização do bairro. A Associação desenvolve uma intensa aividade cultural, recreativa e esportiva. E' dirigida por uma diretoria escolhida por um Conselho Deliberativo composto de 35 membros, o qual, por sua vêz é eleito pelos associados. A principais reivindicações pelas quais luta agora são a construção de uma estação da linha auxiliar da Central do Brasil no bairro, o calçamento dos logradouros públicos e a instalação da escola.

OUTRAS ASSOCIAÇÕES

Nem tôdas as sociedades fundadas vingam. Algumas ficam esquecidas, outras desaparecem. Mas aquelas que não arreiam a bandeira das reivindicações dos bairros e continuam a luta, se fortalecem, se desenvolvem e se prestigiam cada vez mais entre as massas. Dentre estas podemos destacar ainda as seguintes:

— Associação dos Moradores de Guadalupe. Abrange os moradores do conjunto residencial da Fundação da Casa Popular, em Deodoro. Bate-se principalmente pelo reconhecimento, por parte da Prefeitura, do referido conjunto residencial, talvez o maior da América Latina (60 mil habitantes aproximadamente). A Prefeitura quer que o conjunto seja demolido, alegando não ter o mesmo sido construído de acôrdo com o seu código de obras. O conjunto não é um barraco de favela que pode ser levantado durante uma noite. Onde estaria a administração municipal no decorrer dos muitos meses em que aquela obra era construída?

O povo vai aprendendo a resolver os seus problemas. Êle mesmo vai construir a sede da sua Associação



O abrigo depois de construído pela própria população, sob a orientação da Associação de Bairro

— Associação pró-Melhoramentos da Vila da Penha. Construiu sua sede, com auditório etc., num próprio da municipalidade. Luta pela instalação da rêde de iluminação, calçamento e escola.

— Associação pró-Melhoramentos da Fazenda da Bica, em Quintino Bocaiúva. Constrói agora a sua sede própria. Conseguiu da Prefeitura o calçamento de ruas e a construção de um prédio para escola, ora em vias de acabamento.

— Centro pró-Melhoramentos do Parque Proletário da Penha. Conseguiu o calçamento e iluminação do referido Parque e continua a luta por outras reivindicações.

— Tôdas essas organizações já têm uma pequena história de suas lutas, suas conquistas e seus programas.

O FUTURO DAS SOCIEDADES DE BAIRRO

A maioria das sociedades amigas dos bairros orienta-se no sentido de exigir dos órgãos de govêrno as medidas indispensáveis ao bem-estar público. Falando a um repórter, um dos dirigentes da S.A.C.I. assim se expressou: "Ora, nós pagamos impostos e, se deixamos de pagá-los, somos intimados a fazê-lo; iremos, pois, fazer o mesmo em relação às autoridades: se não nos dão água, se nos negam o policiamento necessário, nós estaremos organizados para exigir dêles o cumprimento do dever".

Em outros casos, como vimos no decorrer desta reportagem, as Sociedades, depois de apelar inùtilmente para os poderes públicos, resolvem elas mesmas desempenhar o papel que cabe àqueles. Qualquer solução disse-nos outro dirigente é justa, contanto que seja encontrada junto com o povo, no debate democrático dentro das Sociedades. O prefeito, com a cumplicidade de uma maioria corrupta da Câmara de Vereadores, promulga leis como a 899, encarecendo o custo de vida e alega não ter verbas para atender aos mais elementares serviços públicos. A população, apesar de tão vilmente explorada, desde que tenha à sua frente dirigentes honestos, ainda encontra em si recursos suplementares, financeiros e de trabalho, para realizar obras que competem aos poderes públicos e para as quais paga pesados impostos.

E' compreensível que as sociedades de bairro, surgindo da iniciativa popular e generalizando-se ràpidamente, tenham debilidades. Mas estas debilidades são um problema secundário ante a utilidade que elas estão demonstrando na busca de soluções para os problemas do povo. Tôdas as falhas possíveis dessas sociedades serão superadas no debate amplo e democrático dentro das mesmas. Será através dêsses debates que elas encontrarão a forma mais justa de encaminhar as suas lutas, as soluções mais justas para os problemas que se apresentarem e impedirão que os choques de interês-

(CONCLUI NA 11ª PAGA